

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

JANICE ESTARLINO VIDAL

**O TERRITÓRIO DO SAMBA EM PONTE NOVA MG: MARCA DA RESISTÊNCIA
DE UM PASSADO ESCRAVOCRATA**

VIÇOSA- MINAS GERAIS

2016

JANICE ESTARLINO VIDAL

**O TERRITÓRIO DO SAMBA EM PONTE NOVA MG: MARCA DA RESISTÊNCIA
DE UM PASSADO ESCRAVOCRATA**

Monografia, apresentada ao curso de Geografia da
Universidade Federal de Viçosa como requisito do
título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2016

JANICE ESTARLINO VIDAL

**O TERRITÓRIO DO SAMBA EM PONTE NOVA MG: MARCA DA RESISTÊNCIA
DE UM PASSADO ESCRAVOCRATA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Viçosa, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

APROVADA: 23 de junho de 2016

Maria Isabel de Jesus Chrysostomo (orientadora) DGE/UFV

Marilda Teles Maracci DGE/UFV

Laura Pronsato DAH/UFV

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me conduzido ao longo da minha trajetória, por ter me proporcionado encontrar pessoas tão admiráveis, que irão permanecer sempre em minha memória.

À minha família, que nunca me desamparou e que sonhou junto comigo, vibrando por cada conquista, sobretudo aos meus irmãos e minha vó Erci pelo carinho dado a mim, meu tio Emílio pelo cuidado e preocupação e principalmente aos meus pais, João e Marilda, pela proteção, amor e incentivo.

Aqueles que foram meus companheiros e motivadores, alguns mais de perto, como a Camila, Alice, Fernanda, Angélica, Diego e Luciana e outros mais de longe, como a Juliam, Vinícius e Mariana, vocês foram os responsáveis por tornarem minha graduação mais leve, cheia de risadas e histórias memoráveis.

Grata à UFV, pelos cinco anos inesquecíveis que me proporcionou, aos professores do Departamento de Geografia pelas discussões e orientações ao longo do curso, especialmente a Prof. Dr. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, pelas aprendizagens que me concedeu, pela paciência e pelo carinho.

Muito Obrigada!

“Não é o que você faz, mas quanto amor você dedica no que faz que realmente importa.”

(Madre Teresa de Calcutá).

SUMÁRIO

RESUMO -----	8
INTRODUÇÃO -----	9
CAPÍTULO 1- PONTE NOVA: DA VINDA DOS ESCRAVIZADOS, AO NASCIMENTO DO SAMBA -----	13
1.1- As marcas do passado escravocrata na paisagem de Ponte Nova -----	20
1.2 – As marcas do passado e o presente em Ponte Nova-----	25
1.2.1- Herança da escravidão: relação cor e renda da população ponte-novense segundo os censos do IBGE de 2000 e 2010. -----	27
CAPÍTULO 2- A FORÇA CULTURAL DO SAMBA: AS RAÍZES DO SAMBA E A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA E PONTE-NOVENSE -----	33
2.1- Samba em Ponte Nova e sua apresentação como meio de resistência da cultura afro-brasileira. -----	38
2.2 - O samba no município: uma análise da relação do lugar com a condição social de seus habitantes. -----	45
CAPÍTULO 3. ACADEMIA DE SAMBA DO BAIRRO DE FÁTIMA: AS MARCAS DA RESISTÊNCIA DOS DESCENDENTES DE AFRICANOS -----	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: -----	59
ANEXOS: -----	62
Anexo 1- Entrevistas:-----	62
Anexo 2- Certificado de Fundação da Escola de Samba Império do Samba -----	67
Anexo 3 – Fotografias do Carnaval de Ponte Nova-----	67
Anexo 4- Reportagens dos Jornais -----	69

Momo que chega...

RESUMO

O presente trabalho aborda a resistência negra em Ponte Nova a partir do samba. A análise desta monografia foi realizada tendo como objeto de estudo a Escola de Samba Academia de Samba do bairro de Fátima, tradicional escola de samba ponte-novense. O recorte temporal do trabalho é de 1950, período de início das atividades da referida escola a 2015. Compreendemos que a musicalidade negra, expressa através do samba, sobreviveu no município em função da luta histórica dos negros e negras para se afirmarem, juntamente com as suas culturas no espaço. Julgando a necessidade do entendimento do passado para a compreensão do presente, retrocedemos ao período em que se iniciou a configuração de Ponte Nova (século XVIII), para assim, problematizarmos a diáspora negra e, posteriormente, identificarmos as raízes do samba. Consideramos, portanto, o samba, assim como as diversas manifestações da cultura afrodescendente na cidade, como uma herança africana de um passado escravocrata. Através dos procedimentos teóricos e metodológicos foi possível compreender como as músicas de raízes negras, neste caso, o samba, presente no município há quase um século, foi e continua sendo um importante meio de resistência negra.

PALAVRAS-CHAVE: Ponte Nova- Academia de Samba do Bairro de Fátima – resistência negra.

INTRODUÇÃO

O papel da pesquisa em questão é mostrar que apesar dos africanos terem sofrido com o regime de escravidão, conseguiram resistir contra a opressão, sendo que a prova disso é que vários de seus costumes permaneceram em nossa sociedade, porém são muitas vezes invisibilizados.

O intuito é problematizar, a partir do município de Ponte Nova- Minas Gerais, as marcas negras resultado do passado escravocrata que sobreviveram, a despeito da forte opressão e preconceito à cultura afrodescendente. A principal marca na paisagem de Ponte Nova que este estudo de monografia privilegiará, é a escola de samba denominada Academia de Samba do Bairro de Fátima.

O samba é um patrimônio histórico imaterial, já que está atrelado a história dos escravizados e dos seus descendentes. Além disso, o samba se tornou um símbolo da identidade brasileira. O samba pode ser considerado um patrimônio cultural, pois representa a cultura brasileira e sua mestiçagem, já que foi criado no Brasil e recebeu influências indígenas, europeias e, sobretudo africanas. Apesar do contato do samba com diferentes culturas, este ritmo musical esteve mais próximo da camada populacional composta pelos negros – majoritariamente pobres.

Para entendermos o samba em Ponte Nova, devemos ficar atentos à história do município, pois é de fundamental importância compreender os principais eventos que ocorreram no passado e relacioná-los com o nascimento desse ritmo musical. Acreditamos que uma chave para desvendar a contemporaneidade é analisar os acontecimentos transcorridos ao longo do tempo, para tanto, é necessário recorrer aos métodos da história e da antropologia, além daquilo que ficou retido na memória coletiva.

Como apresentado por BARROS (2009), tanto memória como história têm importâncias fundamentais para a compreensão do passado. Contudo, o referido autor assinala que a memória, é resultado de recordações transmitidas por gerações, e são responsáveis por manter a identidade e a cultura, já a história, apesar de se valer da memória, conta com o método analítico, ou seja, realiza a análise das memórias. Ainda segundo o autor, a história faz a análise empírica da memória, comprova os fatos, pois muitas vezes a memória pode sofrer distorções da realidade de acordo com o tempo, por exemplo, o esquecimento de determinados fatos fundamentais para acontecimentos posteriores.

Para esse trabalho, o retorno a alguns acontecimentos do passado e o emprego de fontes orais permitiu-nos problematizar e discorrer algumas questões de suma importância, tais como: Por que a forte presença negra em Ponte Nova? Por que existe intensa relação dos negros com samba? Por que a maioria dos locais de samba são compostos por população majoritariamente pobres? O samba representa ainda um símbolo de resistência?

Para realização do trabalho de monografia, foi necessário reconstruir parte da história do município, com o fim de entender a sua formação e o momento de estabelecimento dos africanos no território que hoje é Ponte Nova. A partir disso, o caminho seguinte foi o de problematizar a diáspora negra no local em questão, analisando manifestações presentes na paisagem ponte-novense.

O viés histórico foi articulado com a geografia cultural, pois esta tem como foco de análise a cultura e suas espacialidades. Nossa abordagem ao priorizar a geografia cultural se apoia na história para compreender os desdobramentos culturais de um determinado grupo espacializado. Assim, a análise do samba e da condição social dos moradores dos bairros onde este estilo musical se desenvolveu, nos permitiu compreender que as escolas de samba se estabeleceram em uma área específica, composta por pessoas de culturas e status considerados inferiores, ou seja, nos possibilitou indagar como as manifestações culturais produzem diferentes espaços e constroem paisagens.

Com base no tema musicalidade de influência africana foi delimitado como objeto de estudo o samba, analisado através de uma escola de samba ainda hoje sobrevivente em Ponte Nova - a Academia de Samba do bairro de Fátima.

Sendo assim, a abordagem está relacionada diretamente com a cultura negra. A discussão sobre o papel do povo negro foi também privilegiada na discussão sobre a importância desses na economia do município.

Foi realizada pesquisa histórica e documental, com o intuito de assinalar a influência dos africanos em Ponte Nova. Para tal, foi abordado inicialmente o momento de formação do município, para posteriormente alcançar a compreensão de como se configura atualmente a marca negra Samba em Ponte Nova. Também foi realizada pesquisa bibliográfica, utilizando textos e artigos que discorrem sobre a configuração populacional de Ponte Nova e que tratam da história do município, da diáspora negra, da história do samba, da identidade negra.

Na pesquisa documental e bibliográfica utilizamos vários artigos de jornais do município desde 1950 até 2015. A escolha por iniciar a pesquisa em 1950 deve-se ao fato de

que foi nessa década que a escola de samba foi fundada. O objetivo foi identificar as principais escolas de samba e analisar a trajetória do carnaval no município. Tal pesquisa foi realizada nas duas Bibliotecas Públicas Municipais e no Arquivo Público Municipal no período de agosto a novembro de 2015, e teve os seguintes jornais analisados: Folha de Ponte Nova, Jornal do Povo, Gazeta da Mata, Jornal Revista Forma e O Piranga.

Ainda foi desenvolvida a pesquisa de campo para analisar os locais em que as escolas de samba e outras marcas negras estão assentadas, como cemitério dos escravos e antigas fazendas que utilizaram de mão-de-obra escravizada. A pesquisa de campo e a bibliográfica permitiram integrar a teoria com a prática, fornecendo uma melhor compreensão do objeto de estudo. Ao ir a campo pude coletar materiais essenciais para a pesquisa, fazer entrevistas e tirar fotografias, elementos que deram suporte a pesquisa bibliográfica.

O relato de moradores integrantes da escola de samba, realizado em campo, fundamentou-se nos métodos da pesquisa qualitativa. Optamos por deixar o entrevistado se expressar de forma livre, e apesar de termos um roteiro de perguntas, estas foram conduzidas de acordo com as falas do entrevistado, não tendo uma ordenação fixa. Posteriormente à entrevista, foi realizada a descrição, levando em consideração os trechos mais relevantes de suas falas.

Através das entrevistas coletadas conhecemos melhor a história do samba no local, bem como suas dificuldades de permanência, além de sua relação com Ponte Nova e ponte-novenses. Também foram recolhidas informações da população junto ao IBGE, a fim de identificar o perfil sócio-demográfico dos ponte-novenses.

Na fase de levantamento foram aprofundados conceitos estruturantes, tais como território, territorialidade, paisagem e diáspora, além de conceitos e temas diretamente vinculados com o objeto de estudo, como o samba, festa, pobreza, espaço urbano. O último momento da monografia foi responder a algumas perguntas levantadas no decorrer do projeto, a saber: onde habitavam os fundadores da escola? Quais são os temas recorrentes nos sambas-enredos? A escola de samba passou por invisibilização e valorização ao longo dos tempos? Qual é a relação da escola com o município? Quais foram as dificuldades encontradas para a permanência da escola? O local da escola foi ou é um local marginalizado? A escola pode ser considerada uma forma de resistência negra no município? O local onde está a escola pode ser considerado uma marca da territorialidade negra?

As respostas das perguntas descritas acima são importantes não apenas para compreender a história do samba em Ponte Nova, mas para entender o próprio município e a distribuição dos atores sociais no seu território. Tais respostas serão analisadas e problematizadas através dos conceitos e levantamentos realizados no decorrer dos capítulos.

Nos capítulos que seguem a análise realizada busca evidenciar os negros como agentes ativos na cidade e desconstruir a ideia, ainda propagada, de que estes foram pessoas que não resistiram à escravidão. Dar visibilidade as práticas espaciais de matriz africana e valorizar a cultura dos grupos é um dos caminhos para se pensar várias questões, como o preconceito ainda existente e os processos sociais que isolam e confinam parte expressiva da população afrodescendente no Brasil. É nessa medida que consideramos nosso trabalho uma contribuição acadêmica para se pensar as diferentes identidades e formas sociais mais justas para as populações afrodescendentes da cidade de Ponte Nova.

CAPÍTULO 1- PONTE NOVA: DA VINDA DOS ESCRAVIZADOS, AO NASCIMENTO DO SAMBA.

Os estudos sobre diáspora africana têm grande importância, pois nos permitem tomar conhecimento dos “ancestrais esquecidos” que contribuíram para a formação de nossa sociedade. Esses, muitas vezes, são homogeneizados como se fossem, por exemplo, todos pertencentes a nação do congo, ou identificados de acordo com a localidade dos portos que saíram. Tal homogeneização dificulta o (re) conhecimento da riqueza étnica vinda para o nosso e outros países (HEYWOOD, 2008).

Durante o processo de colonização do Brasil, pessoas de diferentes grupos étnicos do continente africano foram forçadas a deixar seu lugar para se deslocar em direção ao novo. O novo era o Brasil, recém-descoberto pelos portugueses, que precisavam de mão-de-obra para a colonização de sua nova colônia.

Os africanos não vieram por vontade própria, e sim foram forçados ao deslocamento, deixando a situação de liberdade para a condição de escravos. Sendo assim, a diáspora negra refere-se ao transporte forçado dos africanos para outros locais para servirem de mão-de-obra. A diáspora é uma forma de violência, pois priva o ser de retornar ao seu lugar de origem, e a diáspora negra especificamente, foi realizada em condições desumanas e com uso de severos castigos.

Como colocado acima, diáspora está vinculada ao deslocamento, porém é um conceito que difere de migração, apesar de ambos possuírem relação. HALL (2003) problematiza a diferença entre ambos os conceitos em seu livro “Da diáspora- identidades e mediações culturais”, em relação a migração e diáspora respectivamente o autor diz:

“A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.” (HALL, 2003, p.28).

“O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da Construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora.” (HALL, 2003, p.33).

Como mostrado, na concepção de diáspora existe a relação de exclusão, e duas (o) posições são colocadas “de dentro, e de fora”. Essas oposições apresentadas pelo autor

mostram que na diáspora um povo, e conseqüentemente sua cultura será subalternizada, no caso o povo negro foi marginalizado e inferiorizado. As diferenças conceituais de migração e diáspora colocadas pelo autor ainda evidenciam alguns motivos que acarretam a migração e deixa nítida a possibilidade do retorno quando alguém migra.

O ato da mudança pela diáspora, fez com que os africanos tivessem que se adaptar a um novo ambiente, sem, no entanto, abandonarem suas identidades, estas relacionadas ao seu lugar de origem. O lugar é o espaço cotidiano dotado de sentimentos “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

Mesmo separados do seu lugar de origem pelo oceano Atlântico, os diversos povos africanos mantiveram na memória as características de seus reinos e lutaram pela sobrevivência dos seus costumes.

Logo no traslado África- Brasil, percorrendo o Atlântico em péssimas condições, começou a troca de conhecimento dos povos e a resistência dos mesmos. Na medida em que se afastavam da costa africana os povos africanos ficavam longe do seu lugar, mas não de sua cultura, e ainda mantinham “contato” com os que ficaram em seus reinos. Sobre este aspecto, temos a seguinte análise:

“... muito do que se passava na África Atlântica repercutia no Brasil, e vice-versa. Os contatos através do oceano eram constantes: os cativos que chegavam traziam notícias de suas nações, e os marinheiros, os mercadores e os ex-escravos de retorno levavam as novas do Brasil e dos africanos que aqui viviam para uma África que era ainda, no início do século XIX, um continente sem senhores externos”. (SILVA, 1994, p.22)

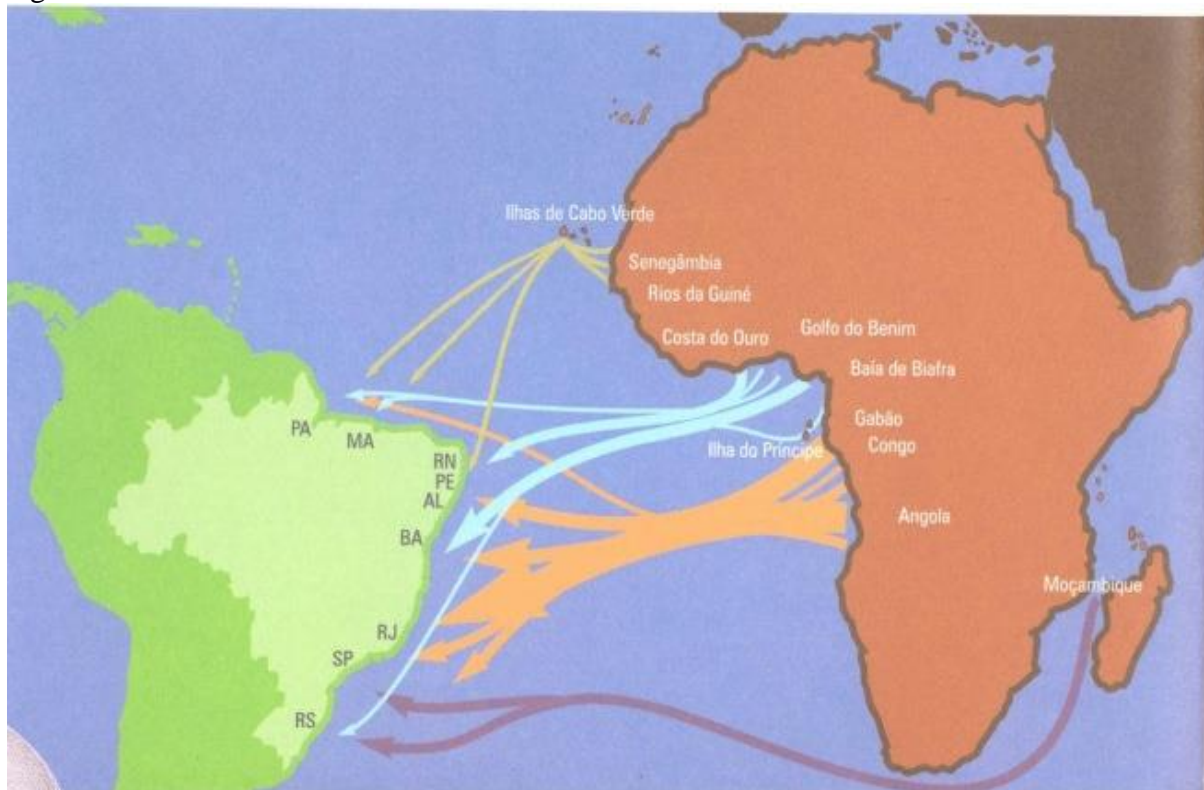
Os povos africanos possuíam um vasto conhecimento em diversos campos, tais como mineração e agricultura. Em Mali¹, Estado localizado abaixo do deserto do Saara, na orla da Floresta Tropical, havia grandes riquezas minerais, incluindo a presença do ouro, os habitantes dessa localidade já possuíam vasto conhecimento de como explorar tal recurso mineral. Este conhecimento foi aproveitado e apropriado pelos portugueses quando deslocaram africanos com essas técnicas de mineração para locais com presença de ouro no Brasil.

¹“Famoso por suas riquezas minerais, sobretudo ouro, Mali era um império poderoso e notícias dele eram repetidas em textos muçumanos e em al- Andalus, no Magreb e no Egito e mesmo em textos e mapas cristãos”. (MACEDO, José Rivair; MARQUES, Roberta Pôrto; 2008, p.22).

O Livro *Diáspora Negra no Brasil*, organizado por HEYWOOD (2008) apresenta que quase metade dos escravizados que vieram para o continente Americano eram centro-africanos, sendo que, entre os anos 1519 a 1867, 45% foram direcionados para a América. Também os estudos revelam que o Brasil foi o principal importador de escravizados da África Central, fato que refletiu em nosso tom de pele e em nossa cultura, carregada de heranças africanas (op.cit, 2008).

Na figura abaixo, podemos visualizar os principais movimentos migratórios de diferentes regiões da África (século XVIII). Neste, é possível perceber a predominância dos negros advindos do centro da África.

Figura 1- Deslocamento África- Brasil



Fonte: SOUZA, Marina de Mello e; *África e Brasil Africano*; Editora Ática, 2008, p. 84

Como pode ser apreendido, ao longo dos séculos em que o regime de escravidão africana se fez presente no Brasil, diferentes grupos étnicos africanos contribuíram para o desenvolvimento da economia brasileira. A tabela abaixo apresenta a distribuição dos principais grupos étnicos escravizados que ao longo dos séculos exerceram diferentes

atividades econômicas no Brasil. A saber, as iniciais apresentadas referem-se aos Bantos (B), Jejês (J), Nagôs (N) e Haussás (H).

Tabela 1 - Introdução africana distribuída pelos séculos e atividades econômicas

Atividade Principal	Século de introdução maciça			
	XVI	XVII	XVIII	XIX
Agricultura	B	B/J	B/J/N	B/J/N
Mineração			B/J	
Serviços Urbanos				B/J/N/H

Fonte: GOMES, Ângela Maria da Silva; Rotas e Diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro – africana: Terreiros, quilombos e quintais de Grande BH, 2009, p. 64.

Além de conhecimentos em áreas como mineração e agricultura, pelo corpo, os africanos trouxeram sementes, que assim como sua cultura, se reterritorializaram na colônia de Portugal quando se instalaram na condição de escravos. Em relação aos conhecimentos relacionados às propriedades das plantas, GOMES (2009) apresenta que:

“Esses saberes etnobotânicos constituem-se em saberes e práticas sociais africanas diversas que se manifestam até hoje, na diáspora, a exemplo dos terreiros de candomblé, sejam de nações ioruba-nagô, jeje ou angola” (GOMES, 2009, p.52).

No processo de resistência cultural, os escravizados repassavam seus conhecimentos, suas tradições, saberes e costumes, no local onde foram obrigados a viver. Tal processo teve a figura da mulher como central; pois eram as grandes transmissoras da cultura de matriz africana, principalmente para as crianças. Essas táticas permitiram a manutenção e a transmissão das identidades por diversas gerações. Portanto, através da figura feminina, que muitas vezes não recebe destaque na história da formação de um povo, muitas raízes culturais puderam ser preservadas.

O fator sofrimento foi um elemento importante para fortalecer os laços entre os escravizados e também a resistência contra o sistema colonial. No Novo Mundo, foi o sentimento de dor dos escravizados que forjou uma nova identidade comum. Portanto, foi na criação de laços de identidade que foram reconstruídos aspectos de suas culturas e

organização social, como por exemplo, nos quilombos, espaços nos quais muitos elementos de sua cultura original foram mantidos².

Na perspectiva de sobrevivência dos costumes, é evidenciado ainda que a nostalgia dos africanos escravizados em relação a suas vidas antes de cruzarem o Atlântico motivou a reconstrução de aspectos culturais, linguísticos e sociais que preservaram suas identidades, mesmo que esta tenha incorporado aspectos das culturas europeias e indígenas. Em muitos casos, foi necessário incorporar traços das culturas europeias como estratégia para diminuir a intolerância e o preconceito social.

O nascimento do município de Ponte Nova está diretamente relacionado à história de escravidão no Brasil e na Zona da Mata, já que as principais atividades econômicas do município durante o período colonial e imperial foram viabilizadas por meio, primeiramente, do trabalho forçado dos indígenas e, mais tarde, da vinda e instalação de escravos negros. Os primeiros povoadores brancos chegam a Zona da Mata - área que se constituiu como zona de abastecimento alimentar – com o fim de consolidar uma economia agrícola em expansão no final do século XVIII devido a forte economia do ouro na região central de Minas Gerais.

Na região onde está situada Ponte Nova, FILHO (1993) apresenta que foram concedidas por ordem da Coroa aproximadamente 90 sesmarias a partir do ano 1775, sendo a primeira delas para Miguel Antonio do Monte Medeiros. Posteriormente, outros membros da sua família também foram contemplados com doações de terras, como João do Monte Medeiros, que recebeu sua sesmaria em 1756. Porém, este não ocupou de imediato as terras concedidas, visto que estava estudando para se tornar padre. Somente em 1763, já tendo se tornado Padre, é que João do Monte Medeiros seguiu para suas terras, instalando-se tempos depois em sua fazenda denominada Vau- Açú.

Alguns anos depois, Padre João do Monte Medeiros solicitou ao bispo de Mariana a construção de uma capela nos arredores de suas terras. Acreditava-se que através da construção de uma capela começariam a surgir ao seu redor um aglomerado de pessoas, o que de fato aconteceu. Ponte Nova se funda no ano de 1786, mas somente em 1866 foi elevada a categoria de cidade.

Em termos econômicos, nos seus primórdios, Ponte Nova se caracterizou pela produção alimentícia, isso devido a não incidência de minerais preciosos no seu território e

²A hierarquia social, que levava em conta a maior idade foi mantida, e foi uma das responsáveis pelo ordenamento desse território (quilombo).

pela proximidade com as regiões mineradoras (Ouro Preto e Mariana) que demandavam produtos alimentícios.

Desde que Ponte Nova começou a ser povoada, muitas derrubadas de matos virgens eram feitas nas sesmarias concedidas e demarcadas na sua proximidade, e n'ellas, depois de queimadas, se plantavam mantimentos, que produziam colheitas abundantíssimas não apenas para o consumo local como também para serem exportadas, durante todos os mezes do anno, para Mariana e Ouro Preto em tropas, compostas de lotes com oito bestas de carga e com cangalha, cada um aos cuidados de um tropeiro, e todos aos do arrieiro e administrador de tropas. (MAGALHAES, 1926, p. 27).

Como dito, as primeiras sesmarias foram doadas pela Coroa no século XVIII, tendo essas propriedades a agricultura como principal atividade. Com base nessas informações e na Tabela 1 apresentada anteriormente, podem ter vindo para Ponte Nova, africanos integrantes dos grupos étnicos Jejês, Nagôs e Bantos.

Os dados confirmam que a diáspora negra para Ponte Nova foi intensa entre os anos 1874- 1875, já que de acordo com as informações contidas na “Classificação de escravos do município de Ponte Nova: 1874-1875³” foram matriculados 8.434 escravizados na cidade. Notamos através dos dados que em um intervalo de apenas um ano, o número de negros destinados ao trabalho escravo foi de mais de 8.000, o que nos leva a crer que no período em que a escravidão se fez presente, Ponte Nova tenha recebido um grande número de negros, destinados ao trabalho na agricultura local.

Com tal dependência do trabalho escravo, as fazendas de todo o Brasil, inclusive de Ponte Nova, foram abaladas com a abolição da escravidão pela Lei de 13 de maio de 1888, sancionada pela Princesa Isabel. Após a Abolição, as fazendas em que os senhores castigavam covardemente os negros foram esvaziadas de forma mais intensa. Contudo, como atesta MAGALHÃES (1926), na maior parte delas os negros e negras antes escravizados permaneceram trabalhando:

“Felizmente em Ponte Nova, onde, por exceção, havia raríssimos desses fazendeiros e maus senhores, quasi todas as fazendas continuaram com seu trabalho sem interrupção, graças aos nobres sentimentos dos bons senhores e das medidas preventivas, que tinham adaptado com o trabalho mixto de homens livres, e tambem aos próprios libertos, que lembrados dos bons tratamentos dos seus ex senhores e agradecidos, não se retiraram das fazendas dos mesmos e continuaram mais

³Informação disponível em: ARQUIVO Público Mineiro/ Seção Provincial. *Classificação de escravos do município de Ponte Nova: 1874-1875*; p. 134-135

assiduamente nas lavouras, animados pelo pagamento pontual dos seus salários”. (MAGALHÃES, 1926, p. 47-48).

A visão tradicional desse historiador⁴ apresenta uma ideia da escravidão como se esta não tivesse sido dolorosa para os todos os africanos que foram obrigados a trabalhar como escravos, exceto para aqueles que tinham maus senhores. Portanto, ignora que todo o processo, desde a retirada forçada de suas terras até os castigos devido ao considerado “mau comportamento” delegados aos escravizados, constituíram, por excelência, formas de violência consentida por uma sociedade que classificava as pessoas em função de sua cor da pele.

Outro equívoco colocado pelo autor é de considerar que os ex-escravizados permaneceram em algumas fazendas, pois eram gratos aos seus senhores, omitindo que o fato que explica a permanência dos negros nas fazendas foi a falta de oportunidades, de emprego e moradia oferecidas pela sociedade que nada fez para integrar os ex-escravos. A Lei Áurea apenas teoricamente colocou fim ao trabalho escravizado, na prática, como não deu condições de inserção dos negros no mercado de trabalho, acabou por muitas vezes condenando-os a viver em condições muito semelhantes ao tempo em que eram escravizados.

Portanto, de certa maneira, a leitura feita por MAGALHÃES (1926) sobre o papel dos negros pós-escravidão em Ponte Nova, colabora para a manutenção de um mito de assimilação natural dos descendentes africanos no Brasil, interpretação que justifica muitas das injustiças sociais que permanecem.

Se a moradia nas fazendas após a abolição fosse satisfatória, como descrito pelo autor, os morros ponte-novenses não estariam lotados de população negra, cuja origem de sua instalação remonta a primeira metade do século XX, ou seja, mesmo que muitos ex-escravos tenham ficado nas fazendas, a maioria preferiu sair das antigas fazendas e se instalar na cidade, mesmo que de forma precária. Em suas vidas, marcadas pela exclusão e precariedade da urbanidade, foram nos morros ponte-novenses que os primeiros moradores disseminaram, através de diversas manifestações, os traços de sua cultura. Foi, portanto, nesses locais afastados das benesses da modernidade excludente, visualizada através das intervenções urbanas e obras de saneamento realizadas nos centros e algumas áreas nobres de Ponte Nova,

⁴ MAGALHÃES era neto do Barão do Pontal, este possuiu a Fazenda do Pontal (localizada em Ponte Nova), na qual era utilizada mão-de-obra escravizada.

que se instalaram as primeiras escolas de samba. Sua notória constituição e vivência marcam a história de resistência de seus habitantes originários e atuais moradores.

Consideramos, portanto, que apesar das dificuldades enfrentadas os descendentes de escravizados mantiveram costumes e saberes nos morros, favelas e periferias, contribuindo não apenas para o desenvolvimento econômico, mas também para o enraizamento de uma cultura cuja origem remonta as tradições de várias nações africanas.

A sobrevivência e ressignificação da cultura das diferentes etnias africanas na cidade evidenciam, portanto, a já comentada resistência negra, ou seja, a força de inventar formas originais de vida mesmo em condições adversas. Permeada, através das técnicas, com novos desafios sócio-espaciais a população negra e pobre utilizando seus saberes e costumes, criam formas de adaptação originais ao meio geográfico, reinventando e requalificando as paisagens da periferia. Nessa medida, podemos dizer que a cultura negra influenciou diferentes campos culturais no país, incluindo a música brasileira. Em Ponte Nova- MG essa influência está presente, pois no município encontram-se vários estilos musicais que têm origem em algumas manifestações dos negros, como samba e congado.

1.1- As marcas do passado escravocrata na paisagem de Ponte Nova

A região onde está localizada Ponte Nova produzia (entre os séculos XVIII ao XX) vários produtos nas fazendas, sobretudo a cana-de-açúcar. As atividades eram, sobretudo, para a subsistência, mas ainda assim, parte era destinada ao mercado.

Aproximando-se das localidades de São Sebastião e Almas de Ponte Nova e de Santa Rita do Turvo, as fazendas produziam mais gêneros diversos como milho, feijão, arroz, algodão, café (já encontrado em todas as fazendas desde o final do setecentos) além da criação de porcos, ovelhas e gado de leite, embora em quase todos se encontrem engenhos de moer cana. (REZENDE, 2009, p. 91)

Dentre as construções presentes na região, que carregaram e ainda carregam a memória do passado escravocrata, merece destaque a fazenda Quebra-Canoas, localizada na divisa entre os municípios de Ponte Nova e Barra Longa, a fazenda Vau- Açú (também conhecida como Santa Helena), que foi a moradia do João do Monte Medeiros, considerado

fundador de Ponte Nova. Existe também o cemitério dos escravos, localizado na zona rural de Ponte Nova; esta última construção ficava próxima à fazenda do Pontal⁵.

A data exata da construção do cemitério não é precisa, no entanto, no site “Portal do patrimônio cultural de Ponte Nova”, que discorre acerca de tal construção, é apresentado que o cemitério não tem menos de 200 anos. Ainda em relação ao cemitério é colocado que:

Cabe, contudo, inferir que muito provavelmente a construção seja ainda anterior: do último quartel do século XVIII. Essa observação se fundamenta no fato de que as fazendas de Ponte Nova começaram a se desenvolver a partir de 1770 e desde então faziam uso da mão - de- obra escrava. (PORTAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL)⁶.

A construção do cemitério para os escravos teve como motivo o fato de que os negros não podiam ser enterrados no mesmo local que as pessoas de pele branca. Apesar dos anos que se passaram, a construção permanece, sendo hoje alvo de vários visitantes. Adiante segue a imagem do cemitério. Este, que se encontra em local elevado, é uma construção feita de gnaiss (rocha mais abundante no município).

⁵Tal fazenda estava localizada na Usina do Pontal e pertencia ao distrito Rosário do Pontal- Ponte Nova. A construção foi destruída, mas apesar de não mais existir, ainda permanece na memória dos moradores mais antigos do lugar.

⁶Informação disponível em: PORTAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, http://www.portaldopatrimoniocultural.com.br/site/bensinventariados/detalhe_eau.php?id=688, acesso em 07 de março de 2016)

Figura 2 - Cemitério dos Escravos



Fonte: http://www.portaldopatrimoniocultural.com.br/site/bensinventariados/detalhe_eau.php?id=688

As fazendas mencionadas anteriormente eram representativas da riqueza de seus proprietários, como pode ser visto nas informações que destacam o requinte da fazenda Quebra- Canoas

Na fazenda do Quebra-Canoas, as refeições de seus proprietários eram servidas em porcelana da Companhia das Índias (sete dúzias), bandejas e talheres de prata. Faziam suas orações em uma capela no interior da sede, decorada com um quadro da Santa Ceia pintado por Mestre Manoel da Costa Ataíde, seis tocheiros pintados de ouro, turíbulo, “hum vaso de Santos Óleos”, cálice e patena de prata, mesa de altar delicadamente pintada com motivos florais, além de um crucifixo, quatro imagens, um lustre, pia batismal e paramentos litúrgicos. (REZENDE, 2009, p.91).

A riqueza dessas propriedades pode ser percebida também pelo fato de possuírem negros como escravos. REZENDE (2009) expõe acerca do capital dos proprietários da fazenda Pontal:

Manuel Inácio de Mello e Souza, o futuro Barão do Pontal, recebeu por herança 66 escravos e uma fazenda perto da vila de Barra Longa onde se produzia açúcar e aguardente, além de criação de suínos e culturas diversas como milho feijão e arroz. A propriedade também possuía suas bestas para a formação de tropa. (op cit. 2009, p.91).

A Fazenda Vau-Açu, também presente na paisagem da região há muitas décadas, assim como as outras propriedades citadas anteriormente, utilizou mão-de-obra escrava, conforme pode ser observado nesse trecho de texto retirado da página virtual da Câmara Municipal de Ponte Nova “Em 1763, chega João do Monte Medeiros, recentemente ordenado padre, instalando-se na fazenda do Vau-Açu, dotando-a de uma “casa-sede”, uma senzala, um depósito e um curral de porcos”⁷.

Figura 3- Fazenda Vau- Açu



Fonte: WWW.panoramio.com/photo/99469766

⁷CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE NOVA, <<http://www.pontenova.mg.leg.br/historia/historia-cidade/historia-de-ponte-nova>, acesso em 07 de março de 2016).

Atualmente a fazenda Vau-Açu conserva a arquitetura original e, apesar do tempo, a obra se mantém em bom estado de conservação. O mesmo não se pode dizer da fazenda Quebra-Canoas, que está em estado de degradação devido ao abandono (falta de moradores e zeladores), desgaste dos anos e a falta de investimentos do Estado na preservação de um patrimônio que testemunha a vida de Ponte Nova. Ainda assim, a Quebra-Canoas permanece, e é uma testemunha física do passado escravocrata, e mesmo se futuramente tal construção deixar de existir por completo, como aconteceu com a Fazenda Pontal, a memória existente sobre a fazenda Quebra-Canoas permanecerá, assim como está viva a lembrança da Fazenda do Pontal. Estas construções fizeram e sempre farão parte da história do município e serão sempre repassadas e ressuscitadas na memória dos habitantes locais. Abaixo segue fotografia atual da Quebra-Canoas.

Figura 4 - Fazenda Quebra- Canoas



Fonte: Arquivo Pessoal (2015)

As construções ainda presentes em Ponte Nova são aqui consideradas como sendo marca e matriz de sua paisagem. Marca, pois indicam um objeto presente na paisagem, expressando as intenções e o nível de conhecimento de uma sociedade, e matriz, pois tais

marcas são carregadas de significados. Assim, o cemitério de escravos é uma marca na paisagem, pois evidencia uma forma produzida com fins específicos em um determinado período e é matriz, pois está envolto de signos, carregando a história política, social, econômica e cultural da sociedade ponte-novense. Ainda sobre paisagem como marca e matriz, BERQUE (1998) afirma:

“A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepções e de ação- ou seja, da cultura, que canaliza em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, corresponde a paisagem do ecúmeno.” (BERQUE,1998, p.84/85).

Ao analisar as antigas fazendas como representações do passado escravocrata, o intuito é chamar atenção para a importância dos homens e mulheres negros (as) que contribuíram para a manutenção das mesmas. As fazendas deixaram na paisagem as marcas da sociedade colonial brasileira na medida em que foram construídas e mantidas pelos escravizados, e são matrizes porque carregam memória, tanto do sofrimento da escravidão, quanto da força e resistência dos povos que conseguiram, apesar das adversidades, reviverem nesses locais traços e costumes de suas terras de origem.

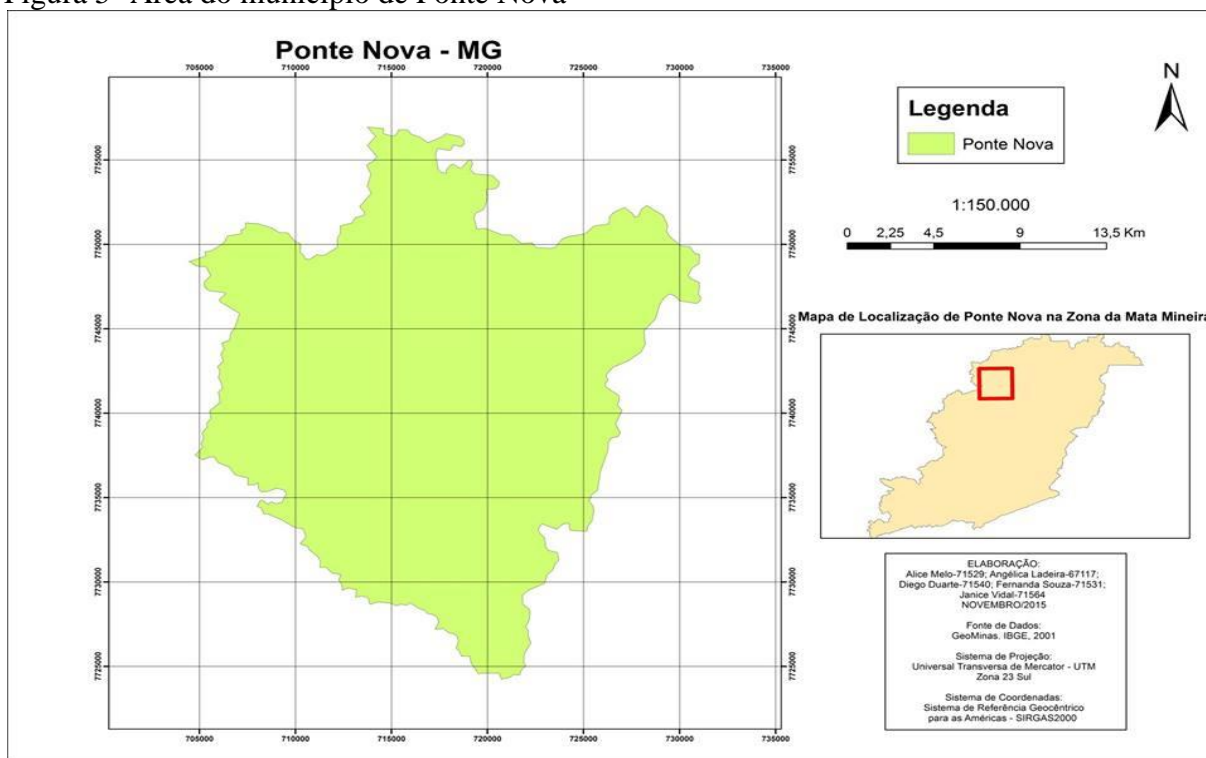
Como mostrado, foi intensa a presença de africanos utilizados como mão de obra escrava nas fazendas no município de Ponte Nova. Estes contribuíram para desenvolver e impulsionar a economia local. Além da influência na economia, dentre as muitas heranças e características que os povos africanos nos deixaram, está a cor da pele, característica que se mantém até hoje nos traços da população e que será analisada mais adiante.

1.2 – As marcas do passado e o presente em Ponte Nova

Atualmente a área territorial de Ponte Nova é de 470.643 km² (IBGE, 2010). O município integra a bacia do Rio Doce, sendo banhado por um de seus principais formadores, o rio Piranga. Ver Figura 5⁸.

⁸O mapa apresentado foi concebido no âmbito da disciplina “Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto” e para o projeto PIVIC “Reinvenção cultural e subversão urbana: o papel das escolas de Samba Unidos dos Passos e Unidos do Sapé”

Figura 5- Área do município de Ponte Nova



Fonte: Trabalho de Campo realizado por Janice Estarlino Vidal e confeccionado por Janice Estarlino Vidal, Ítala Luzia Andrade, Alice Sanches Melo, Angélica Ladeira, Diego Duarte e Fernanda Souza em novembro de 2015.

Ponte Nova está localizada na Zona da Mata Mineira, fazendo parte como cidade polo de uma de suas sete microrregiões. A população estimada para 2015 segundo o IBGE é de 60.005 habitantes. É um município que se destaca em relação aos demais que estão localizados em suas imediações, já que possui comércio e empresas que se sobressaem em relação aos dos municípios vizinhos, geram emprego e atraem consumidores das proximidades, ainda, apresenta o hospital de referência na microrregião.

No decorrer dos anos, desde sua elevação a categoria de cidade até 2015 (ano da última estimativa populacional do município), o número de habitantes alterou significativamente. No ano 1950, período aproximado do surgimento da escola de samba Academia de Samba do Bairro de Fátima, a população era de pouco mais de 30 mil habitantes, conforme apresentado no trecho do artigo que discorre sobre a política ponte-novense nos anos 50: “Ponte Nova tinha 30.254 almas, dos quais 14.804 viviam no campo e 15.450 estavam localizadas dentro do perímetro urbano” (PONTENET, <http://www.pontenet.com.br/pontenova/histor.html>, acesso em 07 de março de 2016).

Dos anos 50 para os anos 70, a população ponte-novense mais que duplicou, em função da atividade açucareira, que gerava emprego, e atraía pessoas das localidades vizinhas.

O Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais do ano de 1971 apresenta as seguintes informações sobre o município “... Ponte Nova realmente surpreende o visitante, como núcleo industrial e comercial, município com mais de 70.000 mil habitantes, superado na Zona da Mata apenas por Juiz de Fora, e com densidade de 67 habitantes por km²...” (BARBOSA, 1971, p. 380).

Nos anos que seguiram, houve grande queda populacional no município, devido ao declínio da atividade açucareira. No ano 1991 a população caiu para 56.678 (IBGE), em 2000 abaixou para 55.303 habitantes (IBGE). Em 2010 o município apresentou 57.390 habitantes (IBGE). Esse aumento populacional foi crescente até a última estimativa populacional do IBGE (2015).

Em termos econômicos, atualmente, a economia municipal tem como pilares a suinocultura, sendo o município o maior polo produtor de suínos de Minas Gerais (IBGE, 2015) e o comércio, grande gerador de empregos, atraindo consumidores dos municípios vizinhos.

1.2.1- Herança da escravidão: relação cor e renda da população ponte-novense segundo os censos do IBGE de 2000 e 2010.

A diáspora africana é visível na população ponte-novense, já que tal povo apresenta traços e cor herdados dos africanos, mas o resultado da diáspora africana não se resumiu a isso, e sim se estabeleceu em diferentes campos.

Como foi apresentado, o Brasil recebeu grande quantidade de africanos, tanto que atualmente é o país que tem a maior população de negros fora da África. A vinda e estabelecimento de tantas pessoas da África no solo brasileiro, dentre tantas heranças, deixou também a cor da pele. Segue tabela que apresenta a evolução da população brasileira, segundo a cor por diferentes anos.

Tabela 2 Evolução da população brasileira, segundo a cor – 1872/ 1991

Cor	1872	1890	1940	1950	1960	1980	1991
Bran- cos	3.887.289	6.302.198	26.171.778	32.027.661	42.838.639	64.540.467	75.704.927
Preto- s	1.954.452	2.097.426	6.035.869	5.692.657	6.116.848	7.046.906	7.335.136
Pard- os	4.188.737	5.934.291	8.744.365	13.786.742	20.706.431	46.233.531	62.316.064
Ama- relos	0	0	242.320	329.082	482.848	672.251	630.656
Sem decla- ração	0	0	41.983	108.255	46.604	517.897	534.878
Total	9.930.478	14.333.915	41.236.315	51.944.397	70.191.370	119.011.052	146.521.661

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: 2000.

Os dados apresentados chamam atenção por demonstrarem que apenas em seus anos iniciais (1872 e 1890) a população de negros⁹ foi superior a de brancos. Em uma sociedade miscigenada como a nossa, o predomínio deveria ser de pardos e não de brancos, assim, os dados da tabela, fazem crer que muitos brasileiros se consideram brancos, mesmo sem ter tal cor de pele. Além disso, outro fator que contribui para o considerável número de auto-declarados brancos, são as políticas de branqueamento, que privilegiaram a vinda de imigrantes brancos para o Brasil, sob a justificativa de preservar e desenvolver sua ascendência europeia, conforme apresentado no Decreto-lei nº 7.967/1945 artigo 2º.

Em contraposição aos dados da tabela acima e ao resultado do censo de 2000, o censo do IBGE de 2010 apresentou algumas mudanças significativas em relação à auto-declaração de cor da população brasileira:

⁹Somatório de pardos e pretos

“Em comparação com o Censo realizado em 2000, o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Esse resultado também aponta que a população que se autodeclara branca caiu de 53,7% para 47,7% (91 milhões de brasileiros)”. (IBGE, 2010).

Os dados mostrados acima permitem concluir que no censo do ano 2000 a população branca em termos numéricos era superior a população negra, mas no censo de 2010 houve uma queda dos que se declararam brancos, e em contrapartida ocorreu um aumento dos que se declararam pardos e pretos. A população expressiva de negros em nosso país deve-se a nossa herança escravocrata, e apesar da tentativa de branqueamento da população brasileira, esta ainda se mantém majoritariamente negra, pois, mantivemos os traços étnicos e culturais decorrentes da diáspora.

Em Ponte Nova, através do censo do IBGE de 2010 que apresentou dados sobre o rendimento populacional associado a cor, foi possível notar que a população negra em termos numéricos é superior a população branca, seguindo a tendência do país. Na Tabela 3 podemos verificar os dados de auto-declaração de cor:

Tabela 3- A população ponte-novense de acordo com a declaração de cor

Cor	Total
Amarela	666 (1,2%)
Branca	20.185 (35,7%)
Indígena	63(0,1%)
Parda	26.542 (47,0%)
Preta	9.084 (16,0%)
	Somatório: 57.390 habitantes

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: resultado da amostra – características da população.

Como é possível depreender na tabela 3, o somatório da população que se auto-declarou branca em Ponte Nova (IBGE censo 2010) resultou em 20.185 (35%), enquanto que o somatório de pretos e pardos é de 9.084 (16%) para o primeiro e 26.542 (46%) para o segundo. O conjunto de pretos e pardos tem como produto uma população negra de 35.626 (62%).

Apesar da população negra ser superior numericamente, quando é feita a comparação da renda da população branca em relação à população negra os percentuais demonstram que ela (população negra) ocupa posição inferior.

O número de pessoas que se declararam brancas e que recebem mais de 10 salários mínimos em Ponte Nova era de 288 (0,8%), segundo o Censo de 2010. Na mesma categoria de renda, os pardos são apenas 28 (0,1%) e auto-declarados pretos com renda superior a 10 salários não existem no município.

Cabe mencionar que para a coleta de informações sobre cor, o IBGE utiliza o termo cor ou raça, e disponibiliza para as respostas as seguintes classificações: amarela, branca, preta, parda e indígena. O termo raça, por um período foi negado pelas ciências sociais, mas aos poucos vem sendo novamente incorporado, pois a negação da existência de raças serviu para negar também a existência do racismo.

Ao se analisar a distribuição de renda associada à cor da população ponte-novense, observa-se que o número de pessoas brancas residentes em domicílios particulares e que recebe de 1 a 2 salários mínimos é de 5.766. Para o mesmo quesito, os pardos e pretos correspondem respectivamente a 5.974 e 1.599. O total de pretos com renda de 1 a 2 salários mínimos é bastante alto se for levado em conta o total dessa população no município, que nesta categoria do censo corresponde a 9.084 pessoas.

A tabela 4, referente ao rendimento da população de domicílios particulares segundo a cor comprova o que foi descrito.

Tabela 4- Característica da População - domicílios particulares, renda e cor. (Ponte Nova)

Cor	Mais de 1 a 2 salários mínimos	De ½ a 1 salário mínimo	Mais de 10 salários mínimos	De 5 a 10 salários mínimos
Amarela	88 (0,2%)	192 (0,5 %)	-	30 (0,1 %)
Branca	5766 (17,0 %)	6046 (17,0%)	288 (0,8 %)	1325 (4,0%)
Indígena	-	41 (0,1%)	-	-
Parda	5974 (17,0%)	9495 (27,0%)	28 (0,1%)	412 (1,1%)
Preta	1599 (5,0%)	3464 (10%)	-	50 (0,1%)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010: resultado da amostra – características da população.

Como pode ser observado o número de negros e de indígenas com baixo rendimento é elevado, o que nos permite concluir que ainda temos muito que avançar em termos de igualdade. Tais dados ainda refletem um passado de exploração de indígenas e negros, e devido as dificuldades impostas por uma sociedade branca, que se considerou superior por séculos, tiveram (indígenas e negros) dificuldades de se estabelecerem economicamente na sociedade.

A tabela 4, que associou a cor e a renda da população, mostra apenas um aspecto da desigualdade racial ainda hoje presente na sociedade brasileira. Sobre a relação entre cor e níveis sociais cabe a seguinte reflexão “O espantoso é que o povo brasileiro, orgulhoso de sua tão proclamada, como falsa, “democracia racial”, raramente percebe os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais” (RIBEIRO, 1995, p. 24).

Ao tratar sobre a distribuição de renda da população inevitavelmente a questão da cor se faz presente. Desde o início da atividade econômica do Brasil, o lucro veio apoiado na exploração de alguns - inicialmente os escravizados e posteriormente seus descendentes. A situação de exploração dos afrodescendentes permanece como uma marca na sociedade contemporânea, assim como os preconceitos.

Nessa medida, como discorre SANTOS (1996), o preconceito atual está diretamente relacionado a formação sócio- econômica do Brasil:

Daí porque a análise das situações do preconceito no Brasil supõe um estudo da formação sócio- econômica brasileira. Não há outra forma de encarar o problema. Tudo tem que ser visto através de como o país se formou, de como o país é e de como o país pode vir a ser. Tudo isso se inclui na realidade da formação sócio-econômica brasileira. O passado como carência, o presente como situação, o futuro como perspectiva. (SANTOS, 1996/1997, p. 135).

A questão do preconceito coloca em xeque o debate sobre a existência de diferentes raças e os conflitos decorrentes da sujeição de grupos étnicos que historicamente relegaram os africanos e seus descendentes na sociedade brasileira. Esse aspecto evidencia, portanto, a existência de grande pluralidade étnica e social no Brasil e a permanência de um discurso que problematiza o conceito de raça. Sobre esse aspecto, GUIMARÃES (1999) faz a seguinte observação:

Pois bem, é justamente a partir daí que aparece a necessidade de teorizar as "raças" como o que elas são, ou seja, construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz, socialmente, para construir, manter e

reproduzir diferenças e privilégios. Se as raças não existem num sentido estritamente realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, são, contudo, plenamente existentes no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações dos seres humanos. (GUIMARÃES, 1999, p. 153).

O conceito de raça trata de aspectos físicos, tais como cor e tipo de cabelo, formato do nariz e a própria cor da pele, porém os aspectos que fazem alguém se declarar pertencente a determinado grupo racial vai além, podendo ser levado em conta também a proximidade com determinada cultura. Como evidenciado na citação acima, as “raças” se fazem presentes em termos sociais, sendo fundamentais para problematizar, por exemplo, a existência de diferentes níveis sociais e quais os atores componentes das diferentes classes sociais. Sendo assim, raça é um conceito de extrema importância para demonstrar que apesar de comprovadamente não existir diferença biológica entre os seres humanos, as pessoas de diferentes etnias são qualificadas socialmente em função da cor de sua pele.

Portanto, como assinalou RIBEIRO (1995), o mito da igualdade racial, presente em nossa sociedade, acaba por auxiliar na propagação do preconceito contra os descendentes de africanos. Nesse percurso, as demonstrações através dos dados e informações evidenciam a permanência de uma situação social desfavorável aos descendentes de africanos, e revelam a necessidade de busca para alcançarmos uma sociedade igualitária.

No entanto, a despeito das injustiças e do preconceito que ainda permanece em nossa sociedade, os africanos e seus descendentes que muito lutaram e continuam lutando para conseguirem seus direitos, resistem a uma série de imposições, deixando suas marcas na paisagem sobre diferentes formas. Uma dessas marcas, o samba e suas instituições, serão destacadas nos próximos capítulos. Analisaremos como a resistência dos negros e negras se propagaram no espaço através da musicalidade. Para tanto, consideramos o samba como marca negra e símbolo de resistência da população de matriz africana em Ponte Nova.

CAPÍTULO 2- A FORÇA CULTURAL DO SAMBA: AS RAÍZES DO SAMBA E A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA E PONTE-NOVENSE

Dentre os conhecimentos culturais dos africanos que foram restabelecidos em solo brasileiro em função da diáspora negra, tem-se a musicalidade. Esta é entendida como o somatório do ritmo, harmonia e música e se expressa através dos sons e de diversas informações corporais. A musicalidade pode ser compreendida como uma forma de resistência negra, a palavra – resistência-, origina-se do verbo latino sistere, que dentre seus derivados estão insistir, persistir e sobreviver. Nesse sentido, considera-se que em contexto de inferioridade pessoal e cultural manter heranças musicais de seus lugares de origem é resistir a uma sociedade hostil. A insistência em existir em uma sociedade excludente e o esforço para sobreviver pessoal e culturalmente, expressam, portanto, a resistência de um povo, que mesmo oprimido manteve-se capaz de recriar e reproduzir a sua existência no espaço e no tempo.

O samba, escolhido como objeto de estudo desse trabalho, é o ritmo musical brasileiro mais conhecido mundialmente, é uma dança e música envolta por características africanas, que tem suas raízes no Brasil colonial.

No entanto, o samba nasceu no país graças a influência dos africanos, dos indígenas e europeus. Ainda assim, é um ritmo musical diametralmente relacionado e identificado com a população negra, como mostra SODRÉ (1998):

Apesar de suas características mestiças (misto de influências africanas e europeias), essa música fermentava-se realmente no seio da população negra, especialmente depois da abolição, quando os negros passaram a buscar novos modos de comunicação adaptáveis a um quadro urbano hostil. (SODRÉ, 1998, p.13).

O surgimento do samba está relacionado com o período de grande atividade fabril (décadas de 30 e 40), vinda de imigrantes, especialmente para o Rio de Janeiro (local onde nasceu uma das matrizes do samba) e o surgimento das favelas.

O samba surge no morro. As primeiras décadas do século XX, especialmente com o desenrolar da grande guerra mundial, promoveram o desenvolvimento do trabalho fabril urbano, e grande transmigração de parcelas da população do campo para as cidades. Os migrantes não tinham como ser acolhidos nas cidades por falta de habitação e infraestrutura deficientes. Começa a se criar em São Paulo e Rio de Janeiro imensa vida suburbana. As periferias dessas cidades se desdobram em

favelas. A música sofreu influência desse surto de urbanização realizado em condições precárias. (BARRADAS, 2006, p.58)

Os atores sociais responsáveis pela criação e propagação do samba nas periferias foram em grande parte os imigrantes pobres que realizavam o trabalho nas fábricas e os escravizados, que se deslocaram para os morros devido a impossibilitados de morar nos centros, mesmo nos cortiços, pois estes foram em grande parte destruídos nas grandes reformas urbanas ocorridas no alvorecer da República. Isso porque, no Rio de Janeiro o local de moradia dos negros e pobres não se alinhava com as propostas de modernidade pensadas pelas elites. Assim, expulsos das áreas centrais, os pobres e negros, em sua maior parte foram para as favelas.

A cidade do Rio de Janeiro merece destaque por ter tido alguns territórios do samba, tais como a Praça Onze. Neste local, situava-se a casa de Hilária Batista de Almeida (Tia Ciata¹⁰), local conhecido pela existência de batuques e rodas de samba, constituindo-se em um dos locais que deu nascimento aos primeiros sambas na cidade.

A casa de Tia Ciata, babalaô – mirim respeitada simboliza toda estratégia de resistência musical à cortina da marginalização erguida contra o negro em seguida à abolição. A habitação – segundo depoimento dos seus velhos frequentadores – tinha seis cômodos, um corredor e um terreiro (quintal). Na sala de visitas, realizavam-se bailes (polcas, lundus etc); na parte dos fundos, samba de partido – alto ou samba – raiado; no terreiro, batucada. (SODRÉ, 1998, p. 15).

Por sua associação com a camada popular de baixa renda, inicialmente o samba era visto de forma negativa, havendo muitos preconceitos em relação a esse ritmo e aos seus praticantes, sobretudo advindo da elite branca.

Como mostrado por SODRÉ (1998), os praticantes e simpatizantes do samba tiveram que resistir até mesmo as forças policiais para que seus batuques sobrevivessem. Segundo o referido autor:

Como em toda história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objetos de frequentes perseguições policiais ou antipatia por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis. (SODRÉ, 1998, p. 14-15).

¹⁰ Esta personagem tinha uma situação de prestígio na sociedade, pois seu marido foi chefe de gabinete do chefe de polícia no governo de Wenceslau Brás

Como dito, o samba se difundiu inicialmente nas periferias e favelas do Rio de Janeiro. Muitas das letras desses sambas tinham um tom de protesto e denúncia ao preconceito social e racial sofrido pelos negros e pobres, além de denunciarem os problemas políticos e de moradia. Em relação aos temas dos sambas nos seus primeiros tempos, BARRADAS (2006) afirma que:

Os seus temas ironizavam a vida precária das cidades. Uma resposta às condições negativas criadas no seio da vida suburbana que florescia. Nos seus primeiros tempos, assim foi o samba. Posteriormente, transformou-se e foi comercializado tornando-se até mercadoria de exportação. (BARRADAS, 2006, p. 58).

Com o passar dos anos, as letras de samba que tinham tom de protesto foram perdendo espaço, muito disso em função da mídia, que dava prioridade para as músicas mais lucrativas. Dessa forma, o samba perdeu um pouco de suas características iniciais, e alterou seus principais temas de letras. Devido ao forte apelo da mídia e a nova configuração do samba, este aos poucos foi sendo aceito nos salões de baile da elite.

Por volta dos anos 30 ocorreu a grande reviravolta em termos de “aceitação” cultural do samba, uma vez que nesse período tudo que era considerado verdadeiramente brasileiro ganhou notoriedade e passou a ser valorizado, com o objetivo de fortalecer a identidade nacional. Esse foi um dos motivos pelo qual o samba passou a fazer parte dos salões de festas da elite, e assim através do carnaval, o samba se tornou um símbolo da nacionalidade, mesmo que muitas vezes alterado, BARRADAS (2006), assinala tal aspecto e sua popularização.

O samba não surgiu da homogeneidade cultural, mas de grupos sociais diferentes. Na Época de Ouro (1929-1945) o samba foi o gênero principal do período. O disco se popularizou como produto de consumo de amplas faixas e torna-se mercadoria muito vendável. O samba passou a explorar outros temas e a alterar suas características. (BARRADAS, 2006, p. 58-59).

Como pode ser notado, o samba que já era um símbolo identitário das pessoas negras e pobres, com o apelo da mídia e do governo, passou a representar também a elite branca, e assim, se tornando um produto midiático metamorfoseado em marca nacional. Nessa medida, o samba foi vendido para o exterior como símbolo musical brasileiro e se transformou em motivo de atração de muitos visitantes para o Brasil, sobretudo no período do carnaval. As elites políticas, buscando construir uma identidade nacional utilizaram o samba para forjar a unificação da população em torno de um signo comum. Em relação a essa estratégia, é

interessante observar os escritos de HALL (2006) que analisa a maneira como uma cultura nacional é desenhada por determinados grupos:

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2006, p.56).

Além de estar atrelado a formação identitária da sociedade brasileira, o samba tem relação direta com a formação territorial da cidade, isso porque ao longo do tempo foi definindo uma territorialidade, territorialidade esta que também representa a população pobre e negra dos grandes centros urbanos brasileiro. Para então compreender a ideia de territorialidade, as análises de RAFFESTIN (1993) nos auxiliam a elucidar que o samba é resultado da relação que determinados grupos têm com o espaço de vivência e reprodução, portanto:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo pela representação) o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p.143).

O que o autor evidencia com sua afirmação é que o espaço, considerado aqui como espaço geográfico se diferencia do território devido à ação de um ou mais atores, o território pode ser considerado como um espaço usado, no qual se fazem presentes ações de poder. Nessa medida, quando colocamos que os grupos envolvidos com a produção do samba (re) territorializam os lugares, queremos assinalar as diferentes táticas empregadas por estes agentes para enfrentarem as dificuldades sociais e, através da música e dos gestos, darem visibilidade a sua cultura considerada marginal.

Os desprovidos de capital financeiro (trabalhadores das fábricas e ex-escravizados) ao se apropriaram dos espaços situados as margens do centro, como os morros, favelas e periferias, transformaram os seus lugares de moradia e reprodução, resignificando-os. Desse modo, historicamente, o território ocupado pela população pobre é dotado de significados. Nestes, estão os vestígios de sua identidade cultural e racial e a maneira como exercem formas próprias de poder.

A favela e as periferias em geral, tornaram-se ao longo do processo de formação de várias cidades, um dos mais significativos territórios do samba, já que foram as áreas onde os pobres urbanos puderem expressar sua cultura de forma mais livre e sem a censura da elite. Nos locais ocupados pela população mestiça e pobre o samba era sinônimo de alegria e ao mesmo tempo, de protesto contra as injustiças de uma sociedade preconceituosa e opressora.

Utilizando ainda RAFFESTIN (1993, p. 160), assinalamos que a “territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade- espaço- tempo”. Por isso é que consideramos que a territorialidade do samba dá identidade aos espaços.

Pode-se dizer que a territorialidade é um território dotado de marcas e características construídas por uma determinada população no espaço, e que tais marcas são construídas ao longo do tempo. É importante dizer que a territorialidade em um mesmo espaço pode ser distinta de acordo com o tempo, ou seja, um mesmo local pode ter territorialidade diferente de acordo com o período do ano ou hora do dia. Isso pode ser observado nas territorialidades impulsionadas pelas festas originadas pelo samba, como, por exemplo, o carnaval.

Sobre a multiplicidade da territorialidade SAQUET (2103), nos auxilia a entender como um ritmo musical e as festas relacionadas ao samba podem definir múltiplas territorialidades, pois:

(...) a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2013, p. 129).

Portanto, o samba que se territorializou nos morros e tem seu poder destacado no período do carnaval, representa a resistência negra, pois a despeito das repressões sofridas pela elite política e econômica, que por diversas vezes tentou calar as batidas dos tambores da população de matriz africana, isso nunca conseguiu se efetivar.

A discussão levantada por ROQUE (2003) no artigo “Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê? apresenta a seguinte pergunta e resposta “A existência existe? Ela resiste”. Tal questionamento e posterior resposta, evidencia que o que existe, na realidade resiste, mas resiste a/o quê?. A partir desses questionamentos, a autora coloca que a palavra resistência em seu sentido epistemológico tem o seguinte significado:

Na palavra resistência há, antes de tudo, o prefixo *re*, que aponta para uma duplicação, uma insistência, um desdobramento, uma *dobra*, "outra vez". Do que o segue, lemos um substantivo derivado do verbo *sistere*: parar, permanecer, ficar, ficar de pé, estar presente. A esse verbo se associa também a *stantiada* palavra resistência, que invoca a estadia, idéia perfeitamente expressa pela transitoriedade do verbo *estar*, uma das preciosas singularidades do português. Até aqui, portanto, resistir é *insistir em estar* - em permanecer, em ficar de pé. (ROQUE, 2003, p. 25-26).

A análise feita pela autora enquadra-se perfeitamente à discussão feita sobre o samba e o papel dos sambistas, e é nessa medida que consideramos tal ritmo musical representante da resistência negra, pois:

- a) suas letras denunciam e dão voz a uma população invisibilizada;
- b) representa as estratégias utilizadas historicamente pelos descendentes de escravos para “permanecer, ficar, ficar de pé, estar presente” na cidade e em diversas lugares;
- c) evidencia por meio das letras e gestos as religiões de matriz africana;
- d) os movimentos das danças típicas do continente africano, embalados pelos ritmos do samba, demonstram a luta dos afrodescendentes pelo controle de seu corpo;
- e) ao infringir a moral burguesa, reafirma o papel das mulheres no espaço público, dando visibilidade a sua história na família.

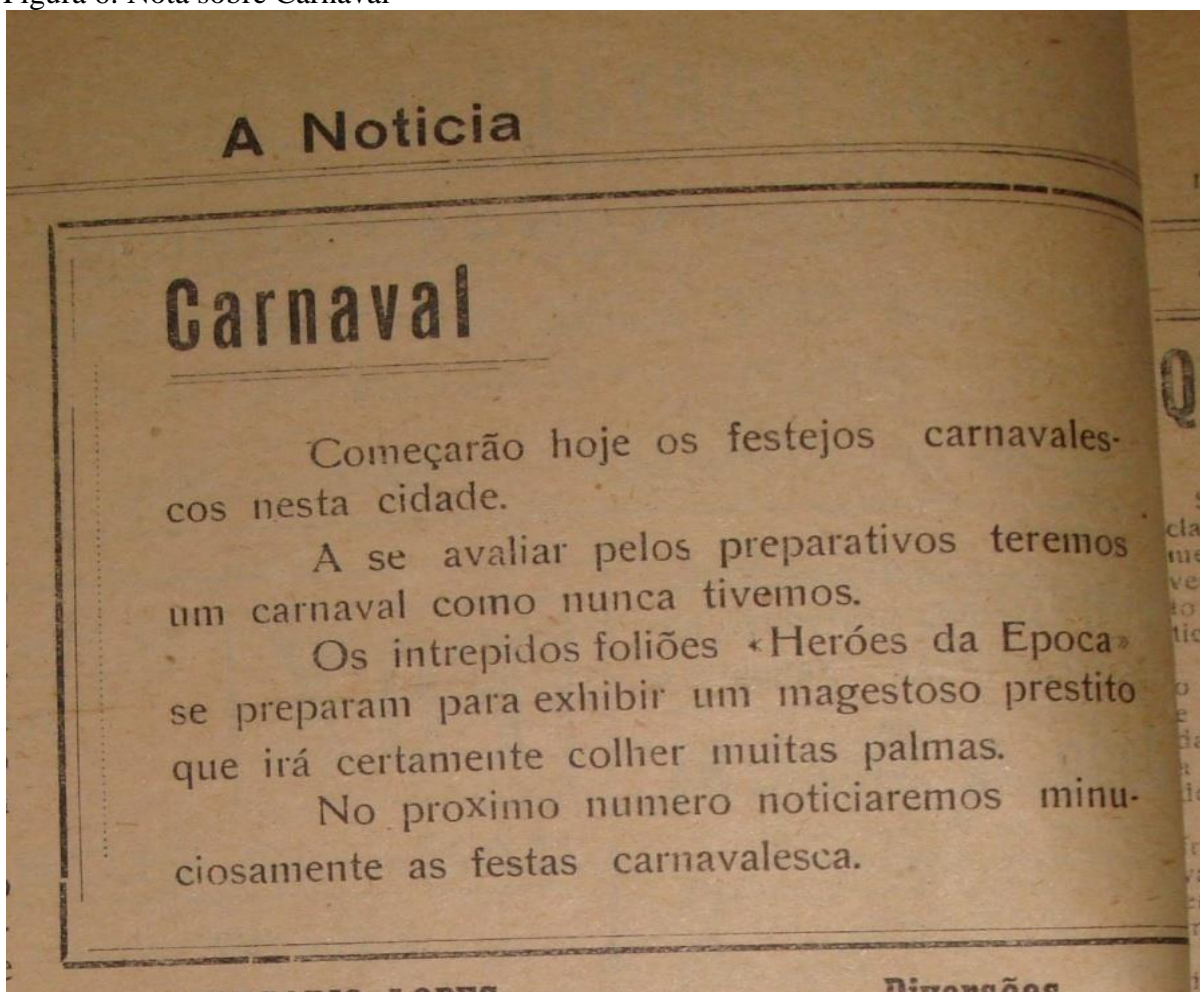
Dessa forma, consideramos que o samba e o corpo do sambista engendram novos registros no espaço e no tempo, manifestando de forma alternativo-criativa uma forma de ser e existir dos negros e negras, ou seja, numa sociedade que ainda exclui social e culturalmente as populações afrodescendentes, é por meio das diversas manifestações culturais de matriz africana, como é o caso do samba, que as populações consideradas de cultura inferior mostram sua força cultural.

Sendo assim, de acordo com o sentido epistemológico da palavra resistência, ao dizer que o samba em Ponte Nova, por meio das escolas de samba resistiu, tivemos o objetivo de demonstrar que apesar das adversidades, o povo negro conseguiu manter sua cultura, insistiu e lutou para sua permanência. Assinalaremos na próxima seção, como o samba em Ponte Nova pode oferecer uma possibilidade de ler a sociedade local a partir do registro cultural deixado pela população de origem afrodescendente no município.

2.1- Samba em Ponte Nova e sua apresentação como meio de resistência da cultura afro-brasileira.

A expressão cultural/musical samba, por meio do carnaval, está presente há muito tempo no município, como pode ser comprovado através de análise em jornais recentes e antigos de Ponte Nova. O relato mais remoto encontrado do carnaval no município é a seguinte nota, datada em 1919:

Figura 6: Nota sobre Carnaval



Fonte: Jornal “A Notícia”, ano I, Ponte Nova – MG, 02 de março de 1919, número 47. Impresso na Typographia Ideal. Identificação: PREJR 0138, Disponível no Arquivo Público Municipal – Ponte Nova.

Apesar da ênfase em pesquisar as notícias propagadas pelos jornais locais sobre as festividades de carnaval, principalmente, a partir da década de 50, foram também analisados jornais do início do século XX, que já mostravam a existência do carnaval na cidade. Em relação as manifestações carnavalescas do início do século XX, às reportagens revelam um carnaval de corte, elitista e praticado principalmente nos clubes da cidade. Revelam, também, que apesar do carnaval ter se popularizado com o samba, ritmo de influência negra, neste

momento (por volta dos anos 1920), as manifestações eram embaladas pelo som das orquestras, evidenciando que o ritmo negro até então não era aceito pela elite local. Já nos impressos da década de 50 em diante, as informações de destaque foram, sobretudo, os desfiles das escolas de samba, originárias dos morros do município, demonstrando que o carnaval passa ser uma festa local de caráter popular.

Durante o intervalo de tempo de 65 anos (1950- 2015), ao qual recolhi informações em jornais, em pouquíssimos anos o carnaval de rua, com desfile de escolas de samba não ocorreu. Os anos em que foi interrompido tiveram como motivos as fortes cheias do rio Piranga, que acarretaram em gastos extras para a prefeitura de Ponte Nova e os momentos de crise econômica. Foi percebido que os períodos em que o país passou por dificuldades econômicas e políticas, o carnaval foi mais afetado, como por exemplo, em 1954¹¹, ano em que apenas duas escolas de samba desfilaram (Vila Cruzeiro e Unidos da Vila) e um conjunto carnavalesco (Piratas do Mar).

No decorrer desse período pesquisado nos jornais, dentre as escolas de samba que desfilaram no município, destacam-se as seguintes: Unidos da Vila, Unidos do Sapé, Acadêmicos da Vila Alvarenga, Escola e Blocos Caricatos Filhos de Obama, Acadêmicos do Sapé, Independente do Triângulo, Império do Samba do Triângulo, Unidos da Rasa, Arrastão do São Judas, Unidos do Piranga, Unidos de Palmeiras e a escola de samba objeto de estudo deste trabalho, Academia de Samba do Bairro de Fátima. Na figura 7¹² e na tabela 5, consta a localização das escolas samba descritas acima.

¹¹Ano em que o país passou por um conturbado quadro político, no qual, um acontecimento de destaque foi o suicídio de Getúlio Vargas, presidente do Brasil.

¹²O mapa apresentado teve como base o mapa disponibilizado pela prefeitura de Ponte Nova, a falta de escala e coordenadas, deve-se ao fato de que estas informações não foram passadas, ainda assim, faz uma boa representação da área territorial e localização dos bairros ponte-novenses.

Figura 7 - Escolas de Samba de Ponte Nova –Mg



Tabela 5-Espacialização das Escolas de Samba de Ponte Nova

Espacialização das Escolas de Samba de Ponte Nova	
Escola de Samba	Bairro
Unidos da Vila	Vila Oliveira
Unidos do Sapé	São Pedro
Acadêmicos da Vila Alvarenga	Vila Alvarenga
Escola e Blocos Caricatos Filhos de Obama	1º de Maio
Acadêmicos do Sapé	Novo Horizonte
Independente do Triângulo	Triângulo
Império do Samba do Triângulo	Triângulo
Unidos da Rasa	Rasa
Arrastão do São Judas	São Judas Tadeu
Unidos do Piranga	Santo Antônio
Unidos de Palmeiras	Palmeiras
Academia de Samba do Bairro de Fátima	Nossa Senhora de Fátima

FONTE: Informações baseadas nos jornais analisados (Folha de Ponte Nova, Jornal do Povo, Gazeta da Mata, Jornal Revista Forma e O Piranga).

Todas essas escolas de samba, independentemente de estarem atualmente ativas ou não, fazem parte da história musical e identitária dos descendentes de africanos do município¹³. Tais escolas representam os bairros e seus habitantes, são heranças da cultura africana, cultura essa que caracteriza grande parte da população ponte-novense.

A existência das escolas de samba evidencia que o povo negro resistiu e resistem aos preconceitos, as dificuldades financeiras, aos problemas políticos e a inferiorização pessoal e cultural, a permanência do samba expressa, portanto, o desejo permanente dos descendentes afro-brasileiros em deixarem suas marcas no espaço, a despeito da subjugação e inferiorização por séculos de sua cultura.

Não é apenas a resistência de uma cultura que fica expressa com a existência das escolas de samba em Ponte Nova, mas também a resistência da identidade negra. Sobre este

¹³Dentre as Escolas de Samba apresentadas, as que desfilaram no carnaval de 2015 foram: Unidos da Rasa, Acadêmicos do Sapé, Escola de Samba e Blocos Caricatos Filhos de Obama e Unidos de Palmeiras

aspecto, as análises de MUNANGA (2012) permitem o entendimento de tal identidade e seu surgimento:

Tem toda razão o autor da frase “tudo é história”, pois tudo tem uma história. Visto deste ponto de vista, a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas. Ela resulta de um longo processo histórico que começa com o descobrimento no século XV do continente africano e de seus habitantes pelos navegadores portugueses, descobrimento esse que abriu o caminho às relações mercantilistas com a África, ao tráfico negreiro, à escravidão e enfim à colonização do continente africano e de seus povos. (MUNANGA, 2012, p.1).

Sobre a luta e estratégias dos afrodescendentes pela sua valorização na cidade, notamos vários aspectos da sua resistência durante as entrevistas realizadas¹⁴ com membros e ex-membros de escolas de samba locais. O primeiro aspecto apontado foram as dificuldades para a permanência das escolas de samba, evidenciando o quanto essa raiz da musicalidade negra teve que resistir.

As entrevistas semi-estruturadas com José Pedro, Antônio Lobato, Marcos Alberto e Júlio Moraes¹⁵ - dois deles presidentes de escolas de samba e os outros, ex-membros de diretoria - demonstram como a festa de carnaval, organizada pelos moradores dos morros e periferias de Ponte-Nova, tem significado importante para a comunidade.

Os entrevistados demonstram por meio de suas palavras e gestos como são envolvidos e apaixonados pelo carnaval. Assinalam o desejo sempre renovado de levar suas escolas para o desfile na Avenida, porém todos pronunciaram às dificuldades enfrentadas para a realização dessa vontade.

Foram unânimes as reclamações da falta de auxílio por parte da prefeitura em diferentes mandatos (reivindicam, por exemplo, maior verba). Assinalaram também a necessidade de quadra/barracão para ensaios e um maior investimento nas escolas de samba, afinal, como destacaram, tal investimento faz parte da manutenção das tradições de Ponte Nova. Tal aspecto é assinalado em trechos das entrevistas, como pode ser observado nesta resposta de Antônio Lobato sobre a principal dificuldade da Academia de Samba do Bairro de Fátima “A falta de infraestrutura, a Escola não tem quadra (os ensaios acontecem na rua) e a prefeitura oferece uma quantia em dinheiro baixa para as Escolas de Samba da cidade se estruturarem para o desfile de carnaval”.

¹⁴Entrevistas realizadas em julho de 2015.

¹⁵Os nomes apresentados são fictícios.

Os depoimentos indicam o quanto a festa de carnaval tem um significado importante para as diferentes comunidades. O desfile, nessa medida, representaria o ápice de uma ação social e cultural, que demonstraria a força e resistência cultural das periferias. Ele funcionaria como um dos mais importantes momentos de celebração da vida comunitária, cujo signo maior se expressaria na transformação do uso e ocupação de diversos espaços da cidade. É, nessa medida, o momento em que a voz daqueles que são aliados social e culturalmente se tornaria uníssona e, portanto, capaz de assumir um poder simbólico de grande significado para a sociedade local. São muitas as mensagens transmitidas durante o desfile das escolas que nasceram nos lugares considerados feios e desorganizados: Nós temos valor! Nós sabemos organizar uma festa! Nós precisamos de maior atenção! É preciso acabar com a discriminação...enfim, quando os sambistas colocam a importância de desfilar e demonstram a paixão pelo samba, pensamos que para além do apego a escola de samba, são acionadas, várias questões vinculadas à identidade e o sentido de pertencimento.

Nas entrevistas, ao serem questionados sobre a relação das escolas de samba com as comunidades: todos os entrevistados disseram que as comunidades querem ver suas escolas na Avenida, e que o envolvimento da comunidade com a escola é grande. Isso fica assinalado, por exemplo, nesta fala de José Pedro “A comunidade se envolve muito, cobra que a escola desfile...”.

Porém, Marcos Alberto chamou atenção para o fato de que após a prefeitura ter começado a disponibilizar verba para o carnaval, a comunidade se desuniu um pouco, pois todos passaram a querer receber para auxiliar com os preparativos do desfile.

Os entrevistados são moradores de seus respectivos bairros há mais de 20 anos, e todos estão envolvidos há longo tempo com o carnaval, sendo José Pedro o que tem ligação com escolas de samba há menos tempo, cerca de oito anos. A escola pela qual José Pedro se esforça para ser mantida é a Unidos do Sapé, com data de fundação do ano de 2011. Marcos Alberto esteve envolvido com a escola de samba Academia de Samba do Bairro de Fátima, tendo seu envolvimento com o carnaval se iniciado há 30 anos ou mais. Júlio Moraes está envolvido com a escola de samba Império do Samba do Triângulo e possui um bloco carnavalesco, seu envolvimento com o carnaval vem desde 1980.

Através das entrevistas coletadas e das reportagens nos jornais que retratam a história do samba no município, foi perceptível notar que muito mais forte que os empecilhos para a existência dessa marca negra no município, é a resistência. Tal resistência é característica e

herança dos nossos antepassados africanos, que mesmo escravizados, se uniram no sofrimento da perda e conseguiram reproduzir nessa nova terra seus costumes e reforçaram suas identidades, por exemplo, através da cultura.

Se a resistência necessita da existência, esta por sua vez, precisa de pessoas que lutem para a sobrevivência dos costumes, uma dessas pessoas em Ponte Nova, é o mestre Guim, personagem importante nesse processo de reprodução das práticas culturais na comunidade do Triângulo. Muito mais que ensinar essas crianças a tocar um instrumento de percussão, como demonstra a fotografia abaixo, o mestre está transmitindo uma cultura, uma identidade e fortalecendo os laços comunitários, o que sinaliza a resistência desse grupo cultural.

Figura 8- Mestre Guim ensinando crianças a tocarem instrumentos musicais



Fonte: Arquivo pessoal do Mestre Guim, 1982.

2.2 - O samba no município: uma análise da relação do lugar com a condição social de seus habitantes.

Através da análise realizada por meio dos jornais desde 1950 até 2015¹⁶ foi perceptível notar que a maioria das escolas de samba que existiram e existem¹⁷ em Ponte Nova são representantes de bairros que têm como características a grande presença de população pobre. Tal fato representa que o samba está diretamente vinculado com a periferia do município, pois apenas nos últimos anos é que surgiram escolas de samba em bairros de população com outro perfil econômico, como no bairro Palmeiras.

Ao ir a campo para analisar os locais de samba em Ponte Nova verifiquei que existem escolas de samba nos seguintes bairros: Novo Horizonte, Triângulo, São Pedro e Nossa Senhora de Fátima. Nestes, pude perceber pela tipologia das casas, arruamento e infraestrutura que são a maior parte deles habitados por população de baixa renda, sendo que a pobreza e o povo negro estão fortemente associados. Nas figuras que seguem, demonstramos alguns aspectos que caracterizam a paisagem dos bairros mencionados:

Figura 9- Bairro Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

¹⁶Foram analisados em diferentes anos e edições os seguintes jornais: Jornal do Povo, Gazeta da Mata, Jornal e Revista Forma, Jornal de Ponte Nova, Folha Z, Folha de Ponte Nova e Unidade de Noticias, os quais tiveram as notícias referentes ao carnaval ponte-novense destacadas e exploradas. Os jornais encontram-se nas bibliotecas públicas municipais e no Arquivo Público Municipal, localizado no prédio da prefeitura de Ponte Nova.

¹⁷Listagem das escolas de samba que se destacaram no carnaval de Ponte Nova e seus respectivos bairros se encontra no sub-capítulo 2.1.

Figura 10- Bairro Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

Figura 11- Bairro Novo Horizonte



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

Figura 12- Bairro Triângulo



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015

Figura 13- Bairro Triângulo



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015

Figura 14: Trecho do Bairro São Pedro



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

Figura 15: Fotografia do Bairro Novo Horizonte



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

Os bairros relatados estão localizados no alto de morros, têm asfaltos e calçamentos precários, apresentam becos e são bastante conhecidos em Ponte Nova por apresentarem índices elevados de violência, já que é muito comum a circulação de drogas nesses locais.

Porém, assim como em outros morros, a maior parte da população consiste de pessoas trabalhadoras, que já nasceram em desvantagem econômica frente a outras, e por esse motivo têm que se esforçar para se impor em uma sociedade que prega pela democracia, mas que apresenta oportunidades e dificuldades com diferentes graus em função da classe social e da renda. Além disso, os moradores dos bairros citados convivem com o preconceito diário devido ao pertencimento as áreas periféricas.

Os bairros Nossa Senhora de Fátima, São Pedro e Novo Horizonte são conhecidos como integrantes do morro do Sapé, isto devido ao fato de que antigamente, as moradias desses locais eram feitas de sapé¹⁸, que era o material usualmente empregado pelas pessoas sem recursos financeiros para construírem suas moradas.

No bairro Nossa Senhora de Fátima, a relação do negro com lugar é ainda mais forte, pois, trata-se de um bairro comprovadamente remanescente quilombola, conforme pode ser observado no documento a seguir:

¹⁸Sapé é um tipo de capim com folhas longas que no passado foi muito usado como cobertura de casas da população pobre.

Figura 16- Certificado do Bairro de Fátima de Comunidade Remanescente Quilombola



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015

O bairro Nossa Senhora de Fátima, tem na sua trajetória de existência a resistência contra a escravidão, já que foi o destino de muitos negros para escapar das tiranias dos senhores de escravos. É um espaço carregado de histórias e experiências que despertam e intensificam sentimentos tais como os de justiça, orgulho e perseverança nos seus atuais moradores, quase todos descendentes dos escravizados. Essa identidade, ainda presente e celebrada através de vários grupos associativos que existem no bairro, criam uma forte relação dos moradores com o espaço, fazendo deste um lugar, especial e único.

A relação dos moradores com o bairro Nossa Senhora de Fátima remete à discussão sobre o conceito de lugar, configurado a partir da identidade e apreço das pessoas a um determinado espaço. É um espaço dotado de sentimentos e carregado de significados, assim como pode ser observado abaixo:

"[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado." (TUAN, apud HOLZER, 1999, p. 70).

A espacialidade dos locais de samba é caracterizada pelas diferentes formas de apropriação realizadas pelos moradores, compondo paisagem dos bairros. Ela (paisagem) é um misto de forma-conteúdo, pois está além do visível, como nos revela Milton Santos:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. [...] A paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 2008, p.21 e 24).

A paisagem, como dito por SANTOS (2008), também é formada ao longo da história, estando assim em constante transformação. A paisagem desses bairros com escolas de samba foi alterada, no entanto, pela longa trajetória de existência, e resistência da cultura negra, levando-nos a crer que estes bairros descritos, especialmente o Nossa Senhora de Fátima, que possui ligação direta com os escravizados e seus descendentes, continuarão a ser o lugar do samba, cuja paisagem é marca e matriz da cultura dos descendentes dos negros.

No próximo capítulo analisaremos em particular a Academia de Samba do Bairro de Fátima, cuja história do samba revela a produção de uma paisagem marcada pela resistência dos afrodescendentes.

CAPÍTULO 3. ACADEMIA DE SAMBA DO BAIRRO DE FÁTIMA: AS MARCAS DA RESISTÊNCIA DOS DESCENDENTES DE AFRICANOS

A Academia de Samba do Bairro de Fátima está localizada no bairro Nossa Senhora de Fátima. Tal escola de samba, que atualmente está inativa, fez e continua fazendo parte da história de resistência da musicalidade negra em Ponte Nova.

Como dito anteriormente, o samba é um ritmo musical de influência africana que sempre esteve vinculado com a população negra e pobre, tendo seu início nos morros do Rio de Janeiro. O samba em Ponte Nova não foge a esta tendência, a Academia de Samba do Bairro de Fátima, localizada em um dos morros do município, conhecido como morro do Sapé, foi fundada por uma família composta por negros, conforme evidenciado neste trecho da entrevista realizada com Antonio Lobato: “O nome fundamental é o da Família Prateado (pioneiros), eram negros e gostavam muito de carnaval, sendo Dona Adelina Prateado a matriarca da família”.

O início de suas atividades ocorreu por volta de 1950, momento em que existiam duas escolas de samba no bairro de Fátima: a Vila Cruzeiro e Academia de Samba do Bairro de Fátima, mais tarde fundidas. Anteriormente à fusão, pelos textos nos jornais¹⁹ da década de 50, já era possível notar a força, por exemplo, da Vila Cruzeiro no carnaval, como mostra esse trecho de reportagem:

Apenas a Escola de Samba Vila Cruzeiro está se movimentando ativamente, havendo ensaios quase todas as noites. O grupo do Sapé, sob o comando do infatigável Totinho, pretende fazer uma apresentação espetacular durante os três dias, descendo o morro com 30 tamborins, 10 surdos, 3 cuícas, 10 pandeiros e demais instrumentos de barulho, além de contar com um corpo coreográfico escolhido “a dedo”. O popular sambista Lucas é o encarregado dos ensaios da Escola de Samba Vila Cruzeiro. (GAZETA DA MATA, ano III, nº 106, p.1, 1954).

A junção das duas escolas de samba com a nomenclatura Academia de Samba do Bairro de Fátima ocorreu em meados de 1960, o trecho da nota apresentado na sequência refere-se a Academia de Samba após a junção “Em derredor, era dança pura, euforia contaminadora, nivelando o vasto mundo de foliões arrebatados. Academia de Samba do

¹⁹Tratam-se dos Jornais “Jornal do Povo” e Gazeta da Mata, que trazem informações do carnaval Ponte-novense em diversos períodos, inclusive, década de 50. Os jornais estão disponíveis no Arquivo Público Municipal, localizado na Prefeitura de Ponte Nova – MG.

Bairro de Fátima, Unidos da Vila, Academia da Vila Alvarenga, Independentes do Triângulo apresentaram-se brilhantemente” (Jornal do Povo, ano XXXIII, nº 1732, p.3, 1966).

Desde o seu surgimento, a Academia de Samba participou ativamente do carnaval ponte-novense, e até o ano de 1984 era presença confirmada nos desfiles de carnaval. Anteriormente a 1984, os anos em que não desfilou, foram aqueles em que o carnaval no município foi interrompido, devido as cheias do rio Piranga, e as razões políticas ou econômicas.

Posteriormente a 1984, a escola cessou suas atividades, muito em função das dificuldades econômicas e de recursos, como falta de espaço físico (quadra) para os ensaios e dinheiro para a compra de materiais para as fantasias. No entanto, em 2014 tal agremiação retornou ao carnaval ponte-novense, interrompendo novamente sua trajetória no ano seguinte (2015).

Nos anos em que a escola Academia de Samba não participou do carnaval, os moradores do bairro de Fátima se associaram a outras escolas de samba e blocos carnavalescos, que representam a população periférica de Ponte Nova, como a Escola de Samba Acadêmicos do Sapé, e os blocos Pé de Chinelo e Caricatos do Sapé, de forma a preservar a existência dos costumes, mesmo que em outro bairro.

A trajetória dos integrantes e participantes da Academia de Samba do Bairro de Fátima é de resistência na medida em que a sua formação e constituição representam a luta da população pobre, e majoritariamente negra, para participar do carnaval. Um povo que lutou para a sua aceitação e afirmação na cidade durante anos e que ainda se mobiliza para resolver diversos dilemas do cotidiano. A organização dos moradores para a realização do desfile representa, portanto, mais um dos vários episódios da luta pelos moradores para serem respeitados.

Notamos durante as entrevistas realizadas com ex-integrantes da Academia de Samba que a comunidade do bairro de Fátima almeja o retorno da escola, muito em função da identificação dos moradores com a escola de samba, isto é, por acreditarem ser um meio de representação popular. A trajetória de vida de Antônio Lobato²⁰, morador do Bairro de Fátima e ex- integrante da diretoria da Academia de Samba do Bairro de Fátima, demonstra de certa forma o que sugerimos acima.

²⁰Nome fictício

Morador do bairro de Fátima há mais de 60 anos, Lobato desde sempre esteve vinculado ao carnaval, pois desde criança gostava de participar. No decorrer de seu depoimento ele apontou que a falta de infraestrutura foi um problema que sempre acompanhou a escola, pois a Academia de Samba do Bairro de Fátima não tinha quadra para ensaios. Outro ponto que gerou dificuldade para sua sobrevivência, foi o baixo valor disponibilizado pela prefeitura para realizar os desfiles. A Academia de Samba é uma das mais antigas escolas, haja vista que desde a década de 1950 se faz presente no carnaval pontenovense.

O entrevistado disse que a relação da escola com a comunidade era boa, evidenciando que a Academia de Samba é uma Escola da comunidade, e que os moradores sempre lhe perguntam se no próximo carnaval a escola desfilará, evidenciando o apego à agremiação.

Antônio Lobato relatou as origens da Escola, mencionando que existia no Bairro de Fátima duas escolas de samba, ambas fundidas na década de 50, o que resultou na Academia de Samba do B. Fátima. Em sua entrevista disse ainda que a família Prateado foi muito importante para a criação da referida Escola, pois segundo o entrevistado era composta de negros que gostavam muito de carnaval, e se empenhavam para que tal festividade acontecesse no bairro.

Como colocado pelo entrevistado, a escola de samba sempre teve relação com os negros, já que o bairro é remanescente de quilombo, como foi atestado em 2007 pela Fundação Palmares²¹. Portanto, a presença do samba evidencia que esse ritmo musical é uma importante marca da cultura negra. Evidencia também que este é representativo de uma cultura de resistência que forja uma paisagem, esta caracterizada pela luta dos moradores em deixarem sua cultura registrada no espaço.

O auge da Escola foi na década de 60, sendo que no decorrer do tempo os desfiles foram interrompidos por 12 anos (1980- 1992), mas posteriormente a esse período a Academia de Samba reviveu.

Com base na entrevista e nas análises em jornais do município, é possível dizer que o samba em Ponte Nova vem resistindo há anos, pois como mostrado pelo entrevistado, décadas atrás já se tinha a presença desse estilo musical no bairro de Fátima. Através da entrevista

²¹O Ministério da Cultura enviou técnicos ao Nossa Senhora de Fátima a pedido do grupo Gangazumba (presente no bairro) para reconhecer ou não a comunidade como remanescente quilombola, e no dia 16 de maio de 2007 houve esse reconhecimento. Tal certificação foi concedida pela Fundação Cultural Palmares, entidade criada em 22 de agosto de 1988, com o objetivo de promover e preservar a arte e a cultura afro-brasileira.

também é possível notar que a escola de samba, representa a trajetória do samba no município, haja vista que é uma escola tradicional, influenciada diretamente pelos africanos e seus descendentes.

A existência do samba na atualidade indica a força da cultura dos antigos moradores remanescentes quilombolas. Estes produziram paisagens cujas grafias da resistência aparecem revestidas de múltiplas formas, todas assinalando o desejo dos descendentes afro-brasileiros de marcarem sua existência na cidade que os exclui e os segrega. A persistência em continuar mantendo o samba para que não se perdesse com o tempo e de desafiar muitas vezes as regras estabelecidas, talvez tenha sido a forma encontrada pelos os integrantes da Escola de se sobreporem aos preconceitos ainda presentes.

Ao desfilarem, os moradores do bairro Sapé forjam uma paisagem, uma territorialidade. Eles impõem uma mudança de ritmo social e novas regras de uso do espaço. O calendário da festa emerge como fruto desse processo e envolve todos os grupos sociais, em especial as comunidades dos morros (tal como a Academia de Samba do Bairro de Fátima) nos quais há outras escolas de samba ou blocos carnavalescos. Nos dias e horários marcados é a celebração da festa de carnaval organizada pelas comunidades que dão o tom à vida social do município.

Pela trajetória de luta pela sobrevivência da Academia de Samba, faz pensar que ela retorne ao carnaval ponte-novense em breve, assinalando mais uma forma de se sobressair nos períodos de crise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises realizadas nos jornais ponte-novenses, entrevistas com membros de escolas de samba, leitura de textos e artigos e incursões ao bairro Nossa Senhora de Fátima foi possível compreender a história do samba em Ponte Nova, e concluir que esta é também uma história de resistência da população afro-descendente, que ao longo de seu processo de constituição possui uma identidade e cultura particular na história do município.

O fato da forte presença de escravizados no município em função da diáspora negra explica a intensa relação dos ponte-novense com esse símbolo cultural afro-brasileiro - o samba. Os escravizados conseguiram superar as adversidades e empregaram uma de suas marcas culturais no solo ponte-novense, e os seus descendentes, por meio de muito esforço, foram responsáveis por essa marca permanecer no espaço ao longo do tempo.

No início deste trabalho algumas questões estruturantes e de grande validade para se conhecer a trajetória do samba e sua relação com a população ponte-novense foram levantadas, a saber: Por que a forte presença negra em Ponte Nova? Por que existe intensa relação dos negros com samba? Por que a maioria dos locais de samba são compostos por população majoritariamente pobres? A escola de samba passou por invisibilização e valorização ao longo do tempo? Qual é a relação da escola com o município? Quais foram as dificuldades encontradas para a permanência da escola? O local da escola foi ou é um local marginalizado? A escola pode ser considerada uma forma de resistência negra no município? O local onde está a escola pode ser considerado uma marca da territorialidade negra?

Tais perguntas foram respondidas no decorrer das discussões realizadas nos três capítulos que compõem esta monografia.

Assim sendo, o resultado do estudo é que o Samba é uma forma de resistência negra no município em questão e a Escola Academia de Samba do Bairro de Fátima expressa e simboliza tal resistência. Mesmo que atualmente a escola esteja inativa, continua sendo uma forma de resistência dos moradores do bairro na medida em que continua lutando para voltar a desfilar.

O empenho em voltar aos desfiles carnavalescos fez com que após mais de 10 anos sem desfilar, a Escola ressurgisse, evidenciando que mesmo após vários anos inativa, a Escola manteve viva na memória dos moradores do bairro.

Com as análises realizadas, ainda foi possível notar que existiu e existem várias escolas de samba no município que expressam a resistência negra. Sobreviver e lutar por décadas contra a marginalização cultural e preconceito e ainda assim ter sua história impressa no município e na sua população simboliza várias táticas para marcar a existência cultural das populações de matriz africana.

Não há como negar que as Escolas de Samba expressam a territorialidade negra no município. O fato de suas disposições serem as margens do território de Ponte Nova tem relação direta com o fato de que os negros foram assim como suas culturas dispostos à margem da sociedade, em uma tentativa nítida de invisibilidade e apagamento.

Diante de tamanhos enfrentamentos aos longos dos séculos, a única conclusão que se chega é que a história dos negros é história de luta, e mais ainda, são histórias de conquistas, conquistas pelo espaço, pela visibilidade e pelos direitos. Ao apresentar e discorrer sobre a Academia de Samba do bairro de Fátima, muito mais que discutir sobre uma escola de samba, o intuito foi evidenciar o samba como um dos aspectos de uma cultura rica e por vezes inferiorizada, e ainda, problematizar uma cultura e pessoas que foram marginalizadas pela associação com o negro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A CIDADE vibrou durante o tributo de Momo: O carnaval do centenário excedeu as expectativas e foi o melhor do último decênio – Animação na rua, euforia e ritmo ardente nos clubes – Bi campeã Academia do Samba. *Jornal do Povo*, ano XXXIII, nº 1732, Ponte Nova, p.3,06 de março de 1966.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Ponte Nova*. Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais; Belo Horizonte, Ed. SATERB LTDA, 1971, p. 378- 380.

BARRADAS, Fernando da Conceição. *MPB e Multiculturalismo: O Samba Como Símbolo da Identidade Nacional*. *Akrópolis*, v. 14, n. 2: 55-60, 2006.

BARROS, José D' Assunção. *História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço*. *MOUSEION*, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BERQUE, Augustin. *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural*. In: CORRÊA, R.L. et al. (Orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*.. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. *História de Ponte Nova*. <<http://www.pontenova.mg.leg.br/historia/historia-cidade/historia-de-ponte-nova>, acesso em 07 de março de 2016

CARNAVAL: Apenas a Escola de Samba Vila Cruzeiro se apresenta. *Gazeta da Mata*, ano III, nº 106, Ponte Nova, p.1, 07 de fevereiro de 1954.

DIAS, Ana Luiza Fernandes de Oliveira. *Terra, Trabalho, Parentela e Fé: Uma Abordagem Sobre o Espaço Social e a Herança Afro- Descendente na Comunidade Rural de Nogueira, Ponte Nova – MG*. Viçosa, 2007.

FILHO, Antonio Brant Ribeiro. *Ponte Nova 1770 a 1920, 150 anos de história*. Viçosa: 1993.

_____ *Helder de Aquino/ João Vidal de Carvalho – Anos 50*. Disponível em <<http://www.pontenet.com.br/pontenova/politic8.html>> acesso em 16 de outubro de 2015.

GOMES, Ângela Maria da Silva. *Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: Terreiros, Quilombos e Quintas da Grande BH*. Belo Horizonte, Departamento de Geografia da UFMG, 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Raça e os Estudos de Relações Raciais no Brasil*. *Novos Estudos*, nº54; Julho de 1999.

HALL, Stuart. *Da Diáspora- Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte; Ed. UFMG. 2003.

_____ *A Identidade Cultural da Pós- Modernidade*. DP&A Editora, 10º Ed.,2006.

HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

HOLZER, Werther. *O lugar na geografia humanista*. Revista Território. Rio de Janeiro: ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População Negra no Brasil*. Disponível em <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/populacao-negra-no-brasil>> acesso em 28 de julho de 2015.

_____. *Ponte Nova: Resultado da Amostra – Características da População*. Censo Demográfico 2010. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=315210&idtema=90&search=minas-gerais|ponte-nova|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-caracteristicas-da-populacao->>>, acesso em 28 de julho de 2015.

MACEDO, José Rivair; MARQUES, Roberta Pôrto; p.22. *Uma Viagem ao Império do Mali no Século XIV: O Testemunho de Rihla de IBN Battuta (1352-1353)*. Ciênc. let., Porto Alegre, n. 44, p. 17-34, jul./dez. 2008.

MAGALHÃES, Manuel Ignacio Machado de. *Resumo Histórico de Ponte Nova*. Typografia Ideal; Ponte Nova, 1926.

MARTINS, Miguel. *O racismo em números*. Revista Carta Capital, 2014. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/revista/767/o-racismo-em-numeros-6063.html> acesso em 18 de setembro de 2015.

MUNANGA, Kabengele. *Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania*. Relações Raciais, 1ª Edição, Departamento de Antropologia da USP. 2012.

PONTENET. *História*. Disponível em < <http://www.pontenet.com.br/pontenova/histor.html>>, acesso em 07 de março de 2016).

O POVO cantará assim.... : Samba-enredo da Escola de Samba Unidos de Ponte Nova: Berço e Glória de JK. Jornal Revista Forma, ano II, nº 11, Ponte Nova, p.5, 1977.

PORTAL BRASIL. *Censo 2010 mostra as características da população brasileira*. 2012. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>>, acesso em 28 de julho de 2015.

PORTAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL. *Cemitério dos Escravos – Histórico*. Disponível em http://www.portaldopatrimoniocultural.com.br/site/bensinventariados/detalhe_eau.php?id=688> acesso em 29 de julho de 2015.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Editora Ática S.A., São Paulo. 1993.

REZENDE, Irene Nogueira de. *Um Estudo de Caso: A História do Barão do Pontal – Mineiros da Zona da Mata na Construção do Estado Nacional*. Locus: Revista de história, Juiz de Fora, V.15, nº2, p. 85-98, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Companhia da Letras, 1995, 2ª edição.

ROQUE, Tatiana. *Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê?* Lugar Comum, nº 17, 2003.

ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (orgs). *Geografia Cultural: um século (1)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

SANTOS, Milton. *As Cidades Mutiladas*. São Paulo, IMESP, 1996/1997.

_____, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: EDUSP, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções de território*. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SILVA, Alberto da Costa e; *O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX*. Estudos Avançados (8) 21, 1994.

SODRÉ, Muniz. *Samba, O Dono do Corpo*. Mauad Editora Ltda, 1998.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. Título original: *Space and Place: The Perspective of Experience*. Publicado originalmente em 1977.

ANEXOS:

Anexo 1- Entrevistas:

Entrevista 1- Entrevista semi- estruturada com José Pedro, membro da Escola de Samba e Blocos Caricatos Acadêmicos do Sapé (sede no bairro Novo Horizonte)

-Você mora no bairro há quanto tempo?

José- 25 a 30 anos.

-Há quanto tempo você está envolvido com a escola de samba?

José- Há aproximadamente oito anos.

-Atualmente, quais são os principais enfrentamentos para a sobrevivência da escola?

José- Problemas internos com a Liga de Carnaval de Ponte Nova, Falta de quadra/ barracão para realizar os ensaios e pouco investimento por parte da prefeitura (baixa verba).

-Além das dificuldades atuais, ao longo do tempo, quais problemas colocaram em risco a sobrevivência da escola?

José- As dificuldades sempre foram essas ditas anteriormente, mas nos últimos anos piorou.

-Qual é a relação da escola de samba com as pessoas da comunidade?

José- A comunidade se envolve muito, cobra que a escola desfile. Mais ou menos 160 pessoas desfilam pela escola e ainda ficam umas 100 sem desfilar por falta de fantasia. A verba da prefeitura além de ser pouca (em torno de quatro mil reais) chega em cima da hora, o que dificulta para organizar o desfile.

-Quais são os principais temas dos últimos sambas enredos?

José- Mais sobre meio ambiente, rio Piranga, reciclagem...

-Nas letras dos sambas enredos aparecem aspectos da comunidade (Ex: as dificuldades enfrentadas pela comunidade, os problemas...)?

José- Em algumas letras sim, algumas falam de moradores da comunidade e coisas como o congado que tinha na comunidade e já não tem mais.

-Quando se iniciou a escola?

José- A fundação no Estatuto é de 2011.

-Quem foram os fundadores da escola?

José- José Luís Lino (presidente), Luiz Fernando Moura Junior (vice-presidente) e Maria de Castro (primeira secretaria).

Em algum período a escola não desfilou?

José- Em todos os seus cinco anos de existência a escola desfilou, mesmo com os problemas houve o desfile. A escola nesses cinco anos ganhou o carnaval por duas vezes, mas agora já nem tem disputa.

Entrevista 2- Entrevista semi- estruturada com Marcos Alberto ex-integrante da escola de samba Academia de Samba do Bairro de Fátima.

-Você mora no bairro há quanto tempo?

Marcos- 50 anos

-Há quanto tempo você esteve envolvido com a escola de samba?

Marcos- Há 30 anos ou mais.

Observação: atualmente a Academia de Samba do Bairro de Fátima está desativada.

-Quais foram os principais enfrentamentos da escola?

Marcos- Os principais problemas que a escola enfrentou foram: a falta de organização e a falta de quadra/ barracão.

-E a questão da verba da prefeitura?

Marcos- A verba é insuficiente, mas ela é um complemento. A prefeitura não é obrigada a dar a verba, e sim a ornamentar a avenida e dar um prêmio. O certo é a prefeitura dar condições de trabalho, uma quadra por exemplo. Antigamente a comunidade se envolvia mais, os políticos davam uma ajuda financeira e a comunidade construía as fantasias (sem cobrar).

-Além das dificuldades atuais, ao longo do tempo, quais problemas colocaram em risco a sobrevivência da escola?

Marcos- A falta de espaço físico.

-Como era relação da escola de samba com as pessoas da comunidade?

Marcos- A comunidade se envolvia, participava, interagia, ajudava como voluntários. As vezes, o dinheiro atrapalha, todos passam a querer cobrar ao invés de serem voluntários, o dinheiro tira a harmonia.

-Quais foram os principais temas dos últimos sambas enredos?

Marcos- Meio ambiente, pantanal, passa-cinco, fazia articulação com o local.

-Nas letras dos sambas enredos aparecem aspectos da comunidade (Ex: as dificuldades enfrentadas pela comunidade, os problemas...)?

Marcos- Fazíamos críticas políticas, mas não me lembro sobre o que exatamente.

-Como se iniciou a escola?

Marcos- Antigamente, existiam dois blocos rivais no bairro, aí, para acabar com essa rivalidade, os blocos se fundiram e formaram a Academia de Samba do Bairro de Fátima.

-Por qual (is) motivo a escola parou de desfilar?

Marcos- Parou por causa das condições financeiras e falta de espaço, atualmente não pode fazer ensaios até depois das 22:00, e isso prejudica e também não tem um espaço para organizar festas para arrecadar fundos.

Entrevista 3- Entrevista semi- estruturada com Júlio Moraes, Membro da Escola Império do Samba do Triângulo e membro fundador do bloco particular “Bateria de Samba do Mestre Guim – Nasceu Mais Um”

-Você mora no bairro há quanto tempo?

Júlio- 40 anos.

-Quanto tempo você está envolvido com a escola de samba?

Júlio- Desde 1980

-Atualmente, quais são os principais enfrentamentos para a sobrevivência da escola?

Júlio- Atualmente a escola de Samba não desfila, o último desfile foi em 1986, mas a documentação ainda existe. Tenho vontade de voltar a desfilar, mas a prefeitura não ajuda, falta verba para colocar a escola na avenida.

-Ao longo do tempo, quais problemas prejudicaram a sobrevivência da escola?

Júlio- Falta de verba, falta de quadra e falta de união, tem-se uma diretoria que só é boa no papel. Toda vida esses foram os problemas, mas antes tinha-se a ajuda de terceiros.

-Como era/é a relação da escola de samba com as pessoas da comunidade?

Júlio- A comunidade quer a escola na Avenida, eles (comunidade) me procuram para colocar a escola de novo na Avenida, mas a escola não tem condições financeiras.

-A comunidade participava /envolvia com a escola?

Júlio - Sim, bastante, não era apenas a comunidade do bairro Triângulo, mas de outros bairros também. A comunidade quer que a escola desfile.

-Quais eram os principais temas dos sambas enredos?

Júlio- Costumava falar mais de figuras públicas

-Quando se iniciou a escola? E por quê?

Júlio- A escola foi fundada em 1966. Foi fundada a escola porque se tinha uma comunidade muito unida.

-Quem fundou da escola?

Júlio- Foi João Guimarães (Nonô Gato), ele foi o primeiro presidente.

-Em algum período a escola não desfilou? Se sim, por quê?

Júlio- A escola foi campeã em 86, depois disso não desfilou mais. Não tem recursos, falta quadra... A escola existe, está documentada, mas não desfila.

-Você fundou um bloco particular “Bateria de Samba do Mestre Guim- Bloco Nasceu Mais um”, quando esse bloco foi fundado?

Júlio- Esse bloco começou em 1982 e foi até 2012. O bloco foi campeão em 1982 e em mais dois anos. O bloco parou de sair nos últimos anos por falta de verba.

-A comunidade também se envolvia com o bloco?

Júlio- Sim, a comunidade do Triângulo e pessoas de outros bairro saiam no bloco.

Entrevista 4 - Realizada com Antônio Lobato, ex integrante da Diretoria da Escola de Samba Academia de Samba do Bairro de Fátima, incentivador do carnaval e morador do Bairro de Fátima.

- Você mora no bairro de Fátima a quanto tempo?

Antônio- 60 anos.

- Há quanto tempo você tem envolvimento com a Escola de Samba?

Antônio - Sempre tive algum envolvimento com a Escola, desde criança já gostava de participar.

- Atualmente qual (s) a principal dificuldade enfrentada pela escola?

Antônio - A falta de infraestrutura, a Escola não tem quadra (os ensaios acontecem na rua) e a prefeitura oferece uma quantia em dinheiro baixa para as Escolas de Samba da cidade se estruturarem para o desfile de carnaval.

- Ao longo do tempo, quais as dificuldades colocaram em risco a sobrevivência da Escola?

Antônio - A questão da falta de infraestrutura.

- Qual era a relação da Escola de Samba Academia de Samba do Bairro de Fátima com a comunidade?

Antônio - Era uma boa relação, a comunidade participava dos ensaios e do desfile da Escola no Carnaval, afinal é uma Escola de Samba da comunidade.

- Existe alguma diferença das letras antigas dos sambas enredos para as atuais?

Antônio - Antes da década de 70 a Escola não compunha sambas enredos, o que era tocado eram as músicas de samba que faziam sucesso na rádio, depois da década de 70 que a Escola começou a criar os sambas enredos.

-Esses sambas em sua maioria falavam sobre o que?

Antônio - Alguns faziam críticas, falavam da preservação, mas a maioria exaltava alguma coisa.

- Quando a Escola de Samba Academia de Samba do Bairro de Fátima foi fundada?

Antônio -Na década de 60 no atual formato, antes disso, na década de 40 tinham- se blocos de samba no bairro. Na década de 50 tinham-se duas escolas de samba no bairro chamadas Escola de Samba Vila Cruzeiro e Academia de Samba do Bairro de Fátima. Por haver duas escolas de samba, tinham-se conflitos no bairro, porque a comunidade se dividia, é como se fosse atualmente em Minas Gerais as torcidas do Cruzeiro e Atlético, essas duas escolas de samba estavam também ligadas a dois partidos políticos distintos.

Na década de 60 houve a junção dessas duas escolas de samba, e foi mantido o nome da Academia de Samba do Bairro de Fátima, desde então a escola atua na cidade.

- Quem foram os fundadores da Escola de Samba Academia de Samba do Bairro de Fátima?

Antônio - O nome fundamental é o da Família Prateado (pioneiros), eram negros e gostavam muito de carnaval, sendo Dona Adelina Prateado a matriarca da família. Os ensaios eram e continuam sendo em um lugar do bairro chamado largo do Sapé, em frente a igreja do bairro.

O bairro tem esse nome porque antigamente, depois da abolição as casinhas construídas no bairro eram de sapê, construídas pelos negros para suas moradias.

-A presença de negros era ou é muito forte na Escola?

Antônio - Sim, o bairro é remanescente de quilombo. A Fundação Palmares junto com o ministério da cultura enviaram técnicos no bairro a pedido do grupo Gangazumba(presente no bairro), para reconhecer ou não o bairro como remanescente quilombola, e no dia 16 de maio de 2007 houve esse reconhecimento.

-Existem outros nomes que se destacam na história da Escola de Samba além da Família Prateado?

Antônio - Sim, antes da década de 90, além dos membros da família Prateado, que foi a pioneira, com Teresinha Prateado como sambista e João Prateado como mestre de bateria tiveram outras pessoas importantes, como o senhor Arlindo das Pastoras, as porta-bandeiras

Dica e Toquinha, o mestre-sala Lucas, Nonô Moreto (o homem da voz) e Fizinho (mestre de bateria)

Depois da década de 90 tiveram outras pessoas importantes, como Carlos Ninfo, Beto Gomes, João Castos, Silvio Custódio, Dona Manuela e Rivalino.

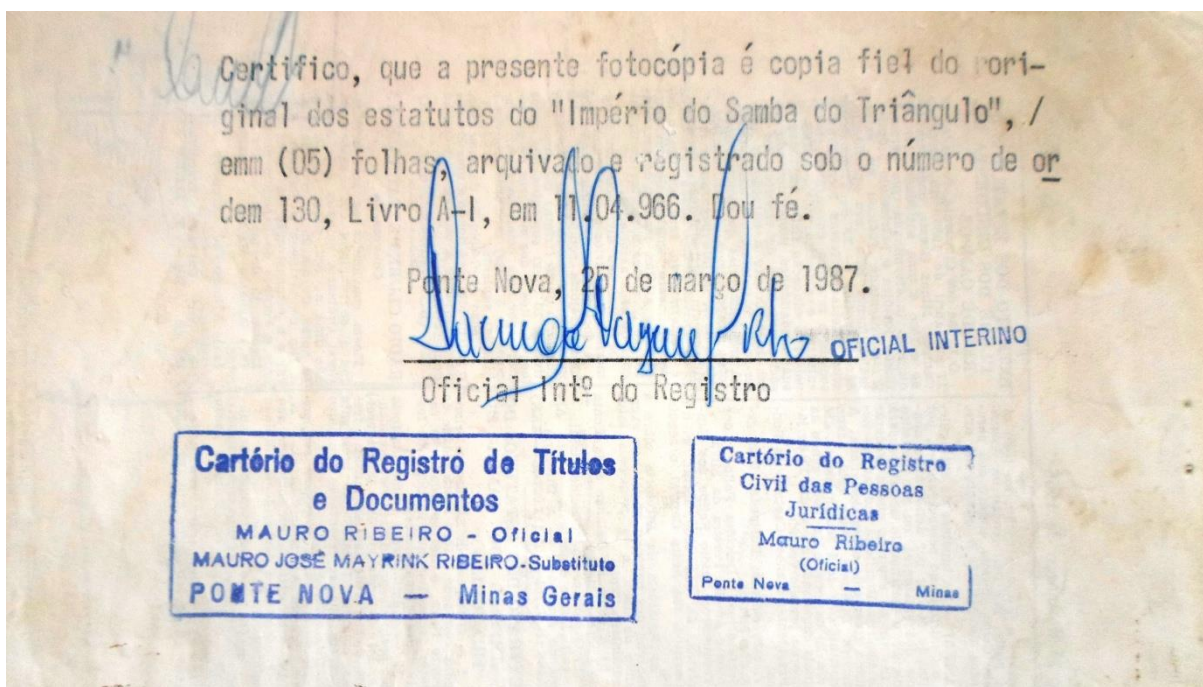
-Em algum momento a Escola de Samba interrompeu suas atividades?

Antônio - Sim, um período extenso, por 12 anos a escola parou (1980 até 1992). A Escola acabou nesse período por falta de interesse das pessoas. A partir de 1992 a Escola reviveu, é tradição no carnaval de Ponte Nova.

-Quando foi o auge da Escola no Carnaval de Ponte Nova?

Antônio - O auge foi na década de 60.

Anexo 2- Certificado de Fundação da Escola de Samba Império do Samba



Fonte: Arquivo pessoal do Mestre Guim (Presidente da Escola), 1987.

Anexo 3 – Fotografias do Carnaval de Ponte Nova

Figura 1



Fonte: Arquivo Público Municipal, década de 70.

Figura 2



Fonte: Arquivo Público Municipal, década de 70.

Figura 3



Fonte: Arquivo Público Municipal, década de 70.

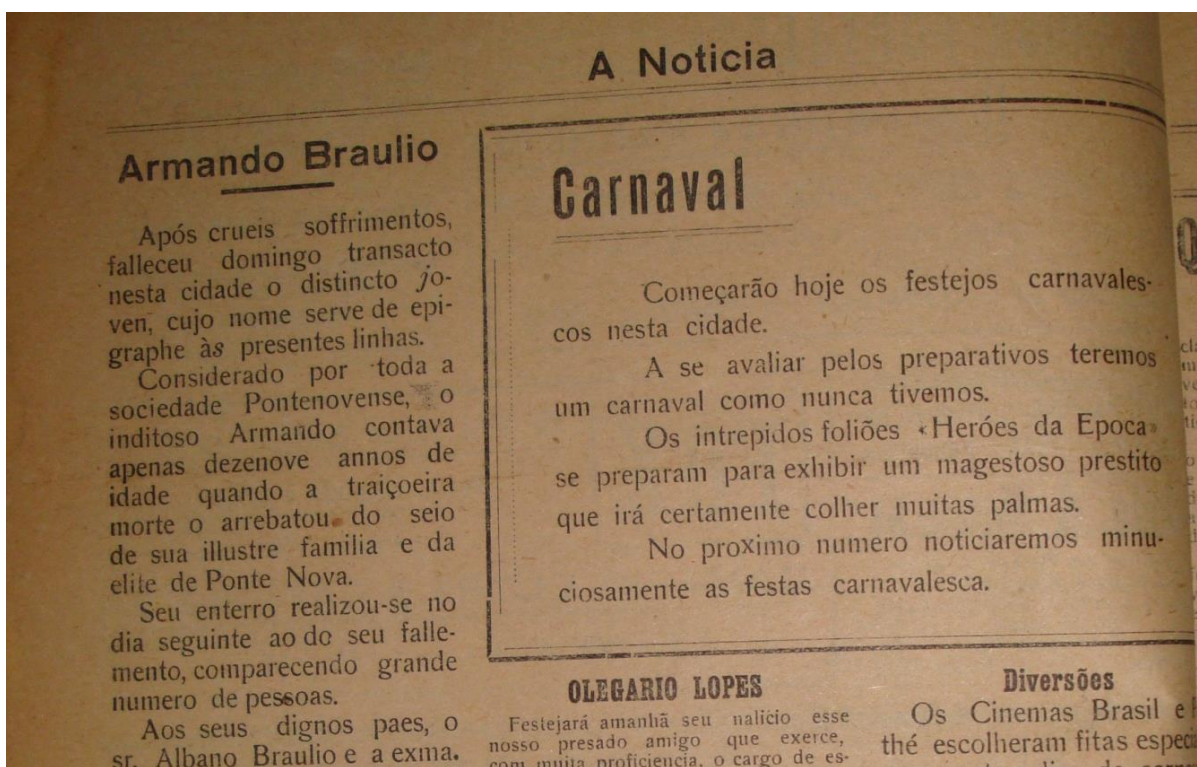
Anexo 4- Reportagens dos Jornais

Reportagem 1- Jornal “A Notícia” intitulada “Carnaval”. Durante as pesquisas sobre carnaval em Ponte Nova, esta é até o momento, a notícia mais antiga de tal festividade. Trata-se de um anúncio referente ao início do carnaval, e por ele pode-se notar que 1919 não foi o primeiro ano de carnaval do município.

Fonte: Jornal “A Notícia”, ano I, Ponte Nova – MG, 02 de março de 1919, número 47.

Impresso na Typographia Ideal.

Identificação: PREJR 0138



Reportagem 2- Jornal “A Notícia”, artigo “Carnaval”. É apresentado um grande artigo sobre o carnaval em Ponte Nova, no decorrer do mesmo, são levantadas informações do Bloco dos Alegres e do Bloco dos Ingênuos, e cantos dos blocos carnavalescos são mostrados. Além disso, também discorre sobre premiação para melhor fantasia, bloco, carro e orquestra. Apesar da presença de Blocos Carnavalescos, a forma de escrita da notícia, induz que esta festividade é direcionada e produzida pela Elite, pois refere-se a fantasia luxuosas, presença de políticos e maestro vindo de Juiz de Fora para a festa.

Fonte: Jornal “A Notícia”, Ponte Nova – MG, ano IV, 23 de fevereiro de 1922, número 09.

Identificação: PREJR0205.

Carnaval

Está se approximando a orgia carnavalesca, e, em todos os recantos da cidade, ouve-se, incessantemente, o ruído dos tambores e a vozeria ensurdecidora dos fiéis adoradores de Momo.

Domingo passado sahiu a campo um grupo de rapazes folgazões, fantasiados a caboclos de nossos selvas, ostentando vistosa roupagem, de tapape em punho, dansando ao som do boré e cantando "cantigas", que nos recordam os tempos idos, tempos saudosos, cheios de poesia, aventuras e amor.

Estamos informados de que a banda musical I. de Maio, que se tem notabilizado no seu genero, demonstrando a competencia dos membros que a compoem, será regida, durante os festejos, pelo conhecido e insigne maestro Euclides de Britto, que é especialmente de Juiz de Fora, esse fim.

Os sabido, tambem, que os artigos navalesco, encommendados pelo sr. Dinelli, ha dias, já foram extadados, estando exposta á venda ova remessa que, brevemente, desaparecerá, ante a communal procura da parte dos foliões.

Muito irão folgar os foliões C. J. L., J. D. e V. S., não ficando occulta a pessoa do distincto cidadão sr. D. A. N., influente politico e philantropo.

Avante, pois, valente cohorte de Momo, rendamos-lhe as homenagens merecidas nos tres dias proximos que lhe são consagrados, e, para termos justos, preparemos um andor collocando nelle o Zé Godoy, vemol-o, em procissão, por estas ruas, cultuando-o como sacerdote magno de Momo e rei do Carnaval pontenovense.

Viva, pois, o Zé Godoy.

Samba Escolar

Nestas noites de folia,
Isto é mesmo um paraizo !
Tuto pula de alegria,
Fica tudo sem juizo !

A festa não me faz mal,
Tão pouco me dá canceira;
Eu gosto do Carnaval
E tambem do Zé-pereira.

O moço fica maluco,
O velho fica babão,
Toda moça agora é o succo,
Vae tambem no arrastão...

A festa não me faz mal etc.

Mascarado, quando pincha,
Toda a gente aqui apoia;
Zé Maria dança e guincha
E chocalha o Chico Boia.

A festa não me faz mal etc.

O' gente, toca a dançar !
Ai dança, que mãe, que mãe !
Zé de Andrade, de vagar
Toca o bombo, Zé Godoy !

A festa não me faz mal etc.

Bloco dos Ingenuos

Mais um cordão carnavalesco foi organizado nesta cidade—o «Bloco dos Ingenuos», composto de distinctos rapazes e graciosas senhoritas que, certamente, irá dar muita graça á festa de Momo.

O "Bloco dos Ingenuos" tem tres formidaveis

bailes á fantasia que, ao som da afinada orchestra «Adolphiana», se realizarão nos vastos salões do predio da Alliança Mineira.

Dentre os innumerados canticos, ensaiados pelo «Bloco dos Ingenuos», destaca-se o seguinte :

Eu só quero é beliscá...

Oh ! Sã Dona não se zangue
Vancê pôde assocegã:
Eu não vou fazê dodõe
Eu só quero é beliscá...

CORO : Ai, ai, ai,
Com licença de Sinhá
Ai, ai, ai.
Eu só quero é beliscá...

Seu Dotô bedelegado
Dê licença p'ra passá
Eu não vim fazê baruío
Eu só quero é beliscá...

CORO : Ai, ai, ai etc.

Me dissero que a políça
Deixa a gente pandegã
Eu intê não faço nada
Eu só quero é beliscá...

CORO : Ai, ai, ai,

Tenho visto tanta coisa
Que nem passo intê contá
Fazem tudo neste mundo
Eu só quero é beliscá...

Bloco dos Alegres

Sob a chefia do coronel Sergio de Britto, que sempre se bate ao lado dos que applaudem o progresso de Ponte Nova, foi organizado, no Bairro das Palmeiras, o «Bloco dos Alegres» que, ha dias, se acha preparando para exhibir as mais modernas musicas — marchas, tangos e canticos carnavalescos.

Acompanhará o Bloco a garbosa orchestra do «Bar do Ponto», na qual tomarão parte activa os extraordinarios musicistas Francisco Saraiva, Alvaro, Raul e Otto Netto, Pedro Bahiano, João Borges, Luiz e João Sette, João Coutinho, Joãozinho, Affonso e muitos outros, cujos nomes nos escaparam.

Consta que foi instituido o premio de 500\$000, em dinheiro, para a melhor fantasia, bloco, orchestra ou carro que mais salientar durante o Car-

Reportagem 3- Jornal do Povo, artigo “Muito animado o carnaval desse ano”. A notícia ocupa uma página inteira do jornal, esta faz elogios ao carnaval do ano, destacando a beleza e empolgação das Escolas Acadêmicos do Bairro de Fátima e Unidos da Vila.

Fonte: Jornal do Povo. Ponte Nova – MG, 07 de março de 1965, ano XXXII, nº 1685, p.2. Disponível no Arquivo Público Municipal.

Página 2

Muito animado o Carnaval desse ano

Os blocos e Escolas de Samba corresponderam à expectativa — Animadíssimo o Carnaval de rua — Vitoriosa a Escola de Samba Acadêmicos do Bairro de Fátima — Grande animação nos clubes

Conforme previríamos, o carnaval desse ano causou absoluto sucesso em Ponte Nova. As Escolas de Samba e demais blocos puseram a Avenida Caetano Marinho num verdadeiro fervedouro de foliões. As matinées infantis de todos os clubes foram verdadeiros sucessos. Principalmente em se falando de ordem e disciplina.

As Escolas de Samba, Unidos da Vila e Acadêmicos do Bairro de Fátima, foram o ponto alto do Carnaval desse ano, principalmente a última citada, que conquistou, apresentando dois magníficos carros, a taça da vitória. Devemos frisar também que a Escola de Samba Acadêmicos da Vila Alvarenga apresentou lindo carro, obtendo da mul-

tidão calorosas palmas. Independente do Triângulo também muito agradou, recebendo grandes aplausos.

Dentre os carros que o Bairro de Fátima apresentou, causou geral agrado o Rei Zulú, muito bem representado e parece-nos, mesmo, o que proporcionou a sua vitória na conquista da taça carnavalesca do corrente ano.

Em todos os clubes da cidade o Carnaval esteve animadíssimo, correndo tudo em perfeita ordem, e muita brincadeira.

O nosso Carnaval de rua foi um dos melhores, com muita serpentina e confeti, pois o lança-perfume esse ano não pode funcionar devido a sua proibição. Mas, mesmo assim, o povo pulou, saltou, brincou, dançou até o rair da madrugada.

Felizmente não temos nenhum fato dissonante para registrar, pois tudo correu na maior alegria e distinção.

Percoremos os clubes: Pontenovense F. C., numa loucura estonteante de foliões; o Primeiro de Maio, com uma esfuziante animação; o E. C. Palmeirense, numa loucura momesca; o Municipal Atlético Clube, numa animação contagiante.

Felicitamos destas colunas aos organizadores e promotores dos blocos e Escolas de Samba de Carnaval que passou e fazemos também um apelo aos foliões do passado para que no próximo ano compareçam em massa para dar mais entusiasmo ao nosso Carnaval de rua. Parabens, foliões.

Portanto, minha gente, foi assim o nosso Carnaval do corrente ano. Muita alegria, muita animação, e vamos, se Deus assim o permitir, aguardar o próximo, porque hoje tudo é cinzas...

Casa à venda
Aluga-se ou vende-se uma casa à rua Dr. Otávio Soares, 441, em Palmeiras, com 11 cômodos. Ver e tratar...

Diretamente das Máquinas D'Andréa de Limeira

ARROZ
Máquinas a ESMERIL a partir de 15 sacos 3 HP (87 quilos de arroz em casca por saco)
Batedores, sopradores, brilhadores

MILHO
Debulhadores a partir de 40 sacos e 3 HP — Moínhos a martelos Moínhos de pedra, desintegradores, canjiqueiras, sopradores, fábricas de farinha e picadeiras

Oficina Mecânica GARAVINI
Av. Custódio Silva, 831
Telefone, 10-84
Ponte Nova - Minas

FINÍSSIMA AGUARDENTE DE CANA
INDÚSTRIA BRASILEIRA
PIEDADE DE **PONTE NOVA**
MINAS GERAIS



MARCA REGISTRADA

Reportagem 4- Jornal Revista Forma, artigo intitulado “O povo cantará assim”. Trata-se dos sambas-enredos das escolas de samba: Academia de Samba do Bairro de Fátima (Nascimento de Vênus), Unidos de Ponte Nova (Berço e Glória de JK), Império do Triângulo (O Berço de Ari Barroso), Acadêmicos da Vila Alvarenga (Muiraquitã, o amuleto do amor), Unidos da Vila (Aquarela Brasileira).

Fonte: Jornal Revista Forma. Ponte Nova – MG, 1977, ano 11, nº II. Disponível no Arquivo Público Municipal.



Reportagem 5- Jornal de Ponte Nova, notícia intitulada “Carnaval- Blocos caricatos substituem escolas na Avenida”. Como pode ser observado no título, o destaque da notícia é a substituição das escolas de samba por blocos carnavalescos, tal fato foi motivado pela falta de tempo e de estrutura para o desfile das escolas de samba.

Fonte: Jornal de Ponte Nova. Ponte Nova – MG, 19 de janeiro de 1983, ano I, nº 19.

Disponível no Arquivo Público Municipal.

